

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº II - MARÇO / 2021



SUMÁRIO



03	APRESENTAÇÃO EDITORIAL
04	ILUSTRES ILUSTRADORES
06	PRÓLOGO DOS ARTIGOS
07	CAPA - AS DÁDIVAS DA DEUSA HÉCATE
11	1 - A CABALA NUMEROLÓGICA E A MITOLOGIA HEBRAICA
18	2 -O FEMININO: A MÃE-TERRA CRIADORA DE TODOS NÓS
23	3 - PROMETHEUS: NOSSO FRANKENSTEIN ARCAICO E ATEMPORAL
34	4 - SÍSIFO: O DECURSO DA VIDA A PARTIR DA PERSPECTIVA JUNGUIANA
46	5 - SÍSIFO: A PEDRA DE OPORTUNIDADES
50	BIBLIOTECA DE THOTH
52	VITROLA DE ORFEU
63	HISTÓRIAS DA VÓ TIANA
64	ARQUIVOS DE LOKI
72	A NONA ÁRVORE
74	ACADEMIA DE QUÍRON
77	PANTEÃO DE COLABORADORES
84	AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Com a primeira edição desta revista, lançada em Fev/2021, tivemos uma grande aceitação e ficamos muito felizes com todos os comentários que recebemos.

E para agradecer aos leitores, vamos começar por uma novidade: temos uma nova seção nesta revista, que parece que veio para ficar, pois o interesse pela mesma foi intenso desde o princípio! É a seção chamada "A Nona Árvore", uma seção para HQs mitológicas!

Como de costume, apresentaremos os Ilustres Ilustradores, afinal é nesta seção que contamos quem fez a capa e as ilustrações. A novidade desta edição é que temos dois ilustradores incríveis, um que fez a capa e outro que ilustrou um dos artigos!

Além disso, nesta edição existe um artigo extra, que trará informações sobre a divindade da nossa capa!

A revista também ficou maior, pois adequamos a diagramação para uma melhor leitura, após sugestão dos leitores.

Na Biblioteca de Thoth, temos dicas literárias nacionais e internacionais; A Vitrola de Orfeu trará duas bandas nacionais incríveis; Nos Arquivos de Loki vasculhamos um filme pouco conhecido e uma série recém lançada, em resenhas de muita sensibilidade; A Academia de Quíron traz outros cursos interessantes e claro, uma nova História da Vó Tiana espera por você!

Aproveite!

Larissa Dias



Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

ILUSTRES ILUSTRADORES

Guilherme Lima Bruno e Silveira é professor na IFPR/Londrina e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, linha de pesquisa Poético-Artísticas e Processos de Criação.

Atua como quadrinhista, artista visual e compositor, produz em diversas frentes, sempre colocando a experimentação e a materialidade como ponto de partida. Alguns de seus trabalhos são "Preto no Preto, Branco no Branco" (2012), "Mergulho" (2018), "Matéria Escura" (2018) - coletânea com Matheus Moura e Vinicius Posteraro, finalista do Prêmio de HQ Independente do Festival de Angouleme - : "Este não é um lugar seguro" (2019) - finalista do prêmio Dente de Ouro (HQ e Zine) e Troféu HQMix (Exposição) -: "E daí" (2020).

A figura "Hécate" 2020, Nanquim sobre papel 75x105cm, que ilustra a 2ª Edição da Revista Mitologia Aberta parte de uma série sobre a deusa tríplice e outras divindades.

"Hécate" busca apresentar a figura mitológica enquanto território de fuga, mas ainda assim de diálogo, com o nosso tempo de transparência, excesso de objetividade e mecanização da vida.



Guilherme Silveira
@guilherme.e.silveira
www.guilhermesilveira.com.br/

Os mistérios e simbologias que as imagens pagãs carregam se opõe diretamente ao modo vazio de produção que captura nossa pulsão de vida e nos impede uma vida lúdica, diversa e desejosa de criação.



"Hécate",
arte que ilustra a
capa desta edição

ILUSTRES ILUSTRADORES



"Mãe": duas destas artes ilustram o artigo "A Mãe Terra, Criadora de Todos Nós"

Gazy Andraus é pós-doutorando pelo PPGACV da UFG, Doutor pela ECA-USP, Mestre em Artes Visuais pela UNESP, Pesquisador e membro do Observatório de HQ da USP, Criação e Ciberarte (UFG) e Poéticas Artísticas e Processos de Criação. Também publica artigos e textos no meio acadêmico e em livros acerca das Histórias em Quadrinhos (HQs) e Fanzines, bem como também é autor de HQs e Fanzines na temática fantástico-filosófica.

Sua tese "As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário", defendida na ECA - USP, foi premiada como melhor tese no HQ-Mix-2007, do ano de 2006.

Gazy gentilmente cedeu como ilustrações, algumas páginas da HQ "A Mãe", que traz um profundo significado: a metáfora da transformação, da verdadeira interconexão do ser humano com a mãe natureza.

Acima, elas podem ser visualizadas na íntegra.

Saiba mais sobre Gazy Andraus,
na seção Panteão de Colaboradores

PRÓLOGO DOS ARTIGOS

Querido Leitor,

A revista Mitologia Aberta é uma revista de livres pensadores da mitologia, e vem com o objetivo de ser acessível a pessoas de diversas áreas, que se interessem pela temática.

Ao receber os artigos para esse número, fiquei surpresa em ver como a temática sobre as divindades gregas estava presente! A mitologia grega é velha conhecida de todos nós, por ser uma das mitologias mais populares do mundo.

Nesta edição teremos um artigo de capa, que sempre existirá quando nenhum dos artigos abordar a divindade ou o mito que ilustrar a capa da revista naquele mês.

Neste artigo, a história da deusa Hécate nos é revelada de forma majestosa.

O primeiro artigo abordará a numerologia cabalística e a mitologia hebraica, além de trazer curiosidades sobre o povo judeu;

O segundo artigo trará as deusas da criação, com enfoque na Mãe-Terra, onde a deusa aparece como criadora de todos nós.

Já o terceiro artigo traz uma analogia muito interessante entre a divindade grega Prometeu e o personagem literário e cinematográfico Frankenstein;

Para finalizar, o quarto e quinto artigos apresentarão duas perspectivas diferentes sobre o mito do personagem grego Sísifo: em uma delas é observada a jornada de Sísifo entre a vida e a morte; Já a outra visão traz a perspectiva de que a pedra que Sísifo deve rolar, segundo o mito, trata-se de um padrão repetitivo que é, na verdade, uma pedra de oportunidade para todos nós, humanos.

Vamos então nos aventurar nessas incríveis histórias?

Boa leitura!

Larissa Dias

AS DÁDIVAS DA DEUSA HÉCATE

POR MIRELLA FAUR

O dia 13 de agosto era uma data importante no antigo calendário greco-romano, dedicada às celebrações das deusas Hécate e Diana, quando Lhes eram pedidas bênçãos de proteção para evitar as tempestades do verão europeu que prejudicassem as colheitas.

Na tradição cristã comemora-se no dia 15 de agosto a Ascensão da Virgem Maria, festa sobreposta sobre as antigas festividades pagãs para apagar sua lembrança, mas com a mesma finalidade: pedir e receber proteção. Com o passar do tempo perdeu-se o seu real significado e origem e preservou-se apenas o medo incutido pela igreja cristã em relação ao nome e atuação de Hécate. Essa poderosa Deusa com múltiplos atributos foi considerada um ser maléfico, regente das sombras e fantasmas, que trazia tempestades, pesadelos, morte e destruição, exigindo dos seus adoradores sacrifícios lúgubres e ritos macabros.

Para desmistificar as distorções patriarcais e cristãs e contribuir para a revelação das verdades milenares, segue um resumo dos aspectos, atributos e poderes da deusa Hécate.

Hécate Trivia ou Triformis era uma das mais antigas deusas da Grécia pré-helênica, cultuada originariamente na Trácia como representação arcaica da Deusa Tríplice, associada com a noite, lua negra, magia, profecias, cura e os mistérios da morte, renovação e nascimento. "Senhora das encruzilhadas" - dos caminhos e da vida - e do mundo subterrâneo, Hécate é um arquétipo primordial do inconsciente pessoal e coletivo, que nos permite o acesso às camadas profundas da memória ancestral. É representada no plano humano pela xamã que se movimenta entre os mundos, pela vidente que olha para passado, presente e futuro e pela curadora que transpõe as pontes entre os reinos visíveis e invisíveis, em busca de segredos, soluções, visões e comunica-

ções espirituais para a cura e regeneração dos seus semelhantes.

Filha dos Titãs estelares Astéria e Perseu, Hécate usa a tiara de estrelas que ilumina os escuros caminhos da noite, bem como a vastidão da escuridão interior. Neta de Nyx, deusa ancestral da noite, Hécate também é uma “Rainha da Noite” e tem o domínio do céu, da Terra e do mundo subterrâneo. “Senhora da magia” confere o conhecimento dos encantamentos, palavras de poder, poções, rituais e adivinhações àqueles que A cultuam, enquanto no aspecto de Antea, a “Guardiã dos sonhos e das visões”, tanto pode enviar visões proféticas, quanto alucinações e pesadelos se as brechas individuais permitirem.

Como Prytania, a “Rainha dos mortos”, Hécate é a condutora das almas e sua guardiã durante a passagem entre os mundos, mas Ela também rege os poderes de regeneração, sendo invocada no desencarne e nos nascimentos como Protyraia, para garantir proteção e segurança no parto, vida longa, saúde e boa sorte. Hécate Kourotrophos cuida das crianças durante a vida intra-uterina e no seu nascimento, assim como fazia sua antecessora egípcia, a parteira divina Heqet. Possuidora de uma aura fosforescente que brilha na escuridão do mundo subterrâneo,

Hécate Phosphoros é a guardiã do inconsciente e guia das almas na transição, enquanto as duas apontadas para o céu e a terra, iluminam a busca da transformação espiritual e o renascimento, orientado por Soteira, a Salvadora. Como deusa lunar Hécate rege a face escura da Lua, Ártemis sendo associada com a lua nova e Selene com a lua cheia.

No ciclo das estações e das fases da vida feminina Hécate forma uma tríade divina juntamente com: Kore / Perséfone / Proserpina / Hebe - que presidem a primavera, fertilidade e juventude -, Deméter / Ceres / Hera – regentes da maturidade, gestação, parto e colheita - e o Seu aspecto Chtonia, deusa anciã, detentora de sabedoria, padroeira do inverno, da velhice e das profundezas da terra.

Hécate Trivia e Trioditis, protetoras dos viajantes e guardiãs das encruzilhadas de três caminhos, recebiam dos Seus adeptos pedidos de proteção e oferendas chamadas “ceias de Hécate”.

Propylaia era reverenciada como guardiã das casas, portas, famílias e bens pelas mulheres, que oravam na frente do altar antes de sair de casa pedindo Sua benção. As imagens antigas colocadas nas encruzilhadas ou na porta das

casas representavam Hécate Triformis ou Tricephalus como pilar ou estátua com três cabeças e seis braços que seguravam suas insígnias: tocha (ilumina o caminho), chave (abre os mistérios), corda (conduz as almas e reproduz o cordão umbilical do nascimento), foice (corta ilusões e medos). Devido à Sua natureza multiforme e misteriosa e à ligação com os poderes femininos “escuros”, as interpretações patriarcais distorceram o simbolismo antigo desta deusa protetora das mulheres e enfatizaram Seus poderes destrutivos ligados à magia negra (com sacrifícios de animais pretos nas noites de lua negra) e aos ritos funerários. Na Idade Média, o cristianismo distorceu mais ainda seus atributos, transformando Hécate na “Rainha das bruxas”, responsável por atos de maldade, missas negras, desgraças, tempestades, mortes de animais, perda das colheitas e atos satânicos.

No intuito de abolir qualquer resquício do Seu poder, Hécate foi caricaturizada pela tradição patriarcal como uma bruxa perigosa e hostil, à espreita nas encruzilhadas nas noites escuras, buscando e caçando almas perdidas e viajantes com sua matilha de cães pretos, levando-os para o escuro reino das sombras vampirizantes e castigando os homens com pesadelos e perda

da virilidade. As imagens horrendas e chocantes são projeções dos medos inconscientes masculinos perante os poderes “escuros” da Deusa, padroeira da independência feminina, defensora contra as violências e opressões das mulheres e regente dos seus rituais de proteção, transformação e afirmação.

No atual renascimento das antigas tradições da Deusa compete aos círculos sagrados femininos resgatar as verdades milenares, descartando e desmascarando imagens e falsas lendas que apenas encobrem o medo patriarcal perante a força mágica e o poder ancestral feminino.

Em função das nossas próprias memórias de repressão e dos medos impregnados no inconsciente coletivo, o contato com a Deusa Escura pode ser atemorizador por acessar a programação negativa que associa escuridão com mal, perigo, morte. Para resgatar as qualidades regeneradoras, fortalecedoras e curadoras de Hécate precisamos reconhecer que as imagens destorcidas não são reais, nem verdadeiras, que nos foram incutidas pela proibição de mergulhar no nosso inconsciente, descobrir e usar nosso verdadeiro poder.

A conexão com Hécate representa para nós um valioso meio para acessar a intuição e o conheci-

mento inato, desvendar e curar nossos processos psíquicos, aceitar a passagem inexorável do tempo e transmutar nossos medos perante o envelhecimento e a morte.

Hécate nos ensina que o caminho que leva à visão sagrada e que inspira a renovação passa pela escuridão, o desapego e transmutação. Ela detém a chave que abre a porta dos mistérios e do lado oculto da psique; Sua tocha ilumina tanto as riquezas, quanto os terrores do inconsciente, que precisam ser reconhecidos e transmutados. Ela nos conduz pela escuridão e nos revela o caminho da renovação.

Porém, para receber Seus dons visionários, criativos ou proféticos precisamos mergulhar nas profundezas do nosso mundo interior, encarar o reflexo da Deusa Escura dentro de nós, honrando Seu poder e Lhe entregando a guarda do nosso inconsciente. Ao reconhecermos e integrarmos Sua presença em nós, Ela irá nos guiar nos processos psicológicos e espirituais e no eterno ciclo de morte e renovação.

Porém, devemos sacrificar ou deixar morrer o velho, encarar e superar medos e limitações; somente assim poderemos flutuar sobre as escuras e revoltas águas dos nossos conflitos e lembranças dolorosas e emergir para o novo.

Artigo cedido pela autora Mirella Faur, originalmente publicado no site da Teia de Thea, conforme link: <http://www.teiadethea.org/?q=node/141>

A CABALA NUMEROLÓGICA E A MITOLOGIA HEBRAICA

POR ESTEVAM CERVONE

“Antes de mais nada, gostaria de agradecer ao Amigo Jacob Simmons e ao Professor Carlos Rosa (in memoriam) que me ensinaram muito do que sei!” *Estevam Cervone.*

Imaginamos que como os Turcos vêm da Turquia (a Turquia fica a maior parte na Ásia, e a menor na Europa) Os Gregos vêm da Grécia (sendo que a Grécia fica no sul da Europa), então os Judeus vêm da Judéia, certo?

Não é bem isso pessoal, pois o judaísmo na verdade, é a religião monoteísta mais antiga do mundo. Sim religião. Temos o hábito de tratarmos o Judeu como um “povo Judeu”. (ALEXANDER, 2014).

Poderia chamar você que está lendo esse arti-

go de Cristão, Budista, Católico, Evangélico, etc.

O povo judeu existe desde a entrega da Torá a Moisés no monte Sinai (Torá, 2013). Eles eram hebreus, e a interpretação da história judaica, amplamente difundida em uma obra do século XIX, feita por pessoas que tentaram reconstruir o passado, cuja imaginação fértil inventou, sobre a base de pedaços da memória religiosa judaico-cristã, um encadeamento genealógico contínuo para o povo judeu.

Mas afinal de onde vieram os Judeus ou na verdade os Hebreus?

Eles são muito, muito, muito antigos, até onde se sabe essa informação se perdeu no tempo, como anotei acima há uma vertente que diz

que eles (os Hebreus) vieram do Himalaia, Caxemira e se espalharam pelo mundo. Eles eram na sua maioria nômades, e alguns deles foram para no Egito.

Claro, a abundante historiografia do judaísmo comporta muitas abordagens, mas as concepções essenciais elaboradas nesse período nunca foram questionadas. Voltando aos Hebreus que foram parar no Egito: naquela época o Egito era uma verdadeira potência e então, os habitantes do Egito desta época pegaram esse povo nômade e levaram para o cativeiro onde ficaram escravos por um período de mais ou menos 430 anos! (ALEXANDER, 2014).

Então não podemos dizer que os Judeus de hoje (2021) se originaram da Judéia, eles são muito mais antigos do que isso.

A Judéia, não existe há muito, muito tempo. É um grande problema datar precisamente quando se inicia uma história do “povo Judeu” seja como grupo étnico, religioso ou cultural, e as fontes que servem como base de estudo para esta história. Geralmente os documentos extra-bíblicos são relacionados ao período mais antigo da história judaica e são relacionados ao período

mais antigo da história judaica e são escassos e sujeitos a debates, o que levou a duas ramificações de estudo: a postura maximalista diz que tudo que não pode ser comprovado como falso deve ser aceito como verdadeiro, e a postura minimalista que diz que os eventos que não são corroborados por eventos contemporâneos devem ser descartados.

Uma curiosidade que anoto aqui: Muito do que encontramos na Bíblia Sagrada vem do livro sagrado dos judeus o Torá ou Pentateuco, que conforme a tradição, foi revelado diretamente por Deus para o judaísmo. Ao contrario da Igreja Católica, para os Judeus, o pecado mais mortal de todos é o da idolatria, ou seja, a prática de adoração a ídolos e imagens. Os cultos são realizados em templos denominados sinagogas. Os homens usam uma pequena touca, denominada kippa, como forma de respeito para com Deus. É um terreno árido escrever sobre isso, mas muito do que encontramos na Bíblia, no Velho Testamento ou foi adaptado ou emprestado da Torá (ou Pentateuco) dos Judeus, o conjunto de livros bíblicos que constituem o patrimônio do Judaísmo. Ele é formado por Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, todos do Antigo Testamento.

Há muitos séculos os jovens (meninos e meninas) Judeus tinham que saber, já aos 15 anos, falar e ler o Torá escrito em Hebraico (ídiche, uma mistura de várias línguas, entre elas o hebraico), e a língua local onde eles estavam, pois eles não tinham uma pátria. Os judeus foram libertados da Babilônia no ano de 538 a.C., após a conquista persa. Posteriormente, a civilização judaica retornou à Canaã, região que passou a ser dominada, no ano de 332 a.C., por Alexandre, rei da Macedônia. Em 63 a.C., os macedônicos e Canaã foram conquistados pelos romanos; e os judeus organizaram revoltas duramente reprimidas por Roma. (ALEXANDER, 2014)

Sendo expulsos da Palestina, saíram em diáspora (dispersão) pelo mundo ocupando diferentes regiões nessas terras, onde os judeus conviveram em pequenas comunidades. Apesar de não possuírem um Estado (território) eram considerados uma nação (povo) e procuravam conservar sua identidade cultural por meio da língua, religião, costumes e hábitos. Esses antigos descendentes de Moisés, durante muito, muito tempo, não podiam ter terras, não podiam participar da Igreja, não podia ingressar no exército. Eram considerados os "matadores de Cristo", Teoria do Deicídio - como se Jesus não

fosse um Rabi. Pode ser que agora vocês estejam se perguntando, porque o mundo não gosta dos Judeus? A título de curiosidade a Bíblia deixa claro que os romanos foram os que realmente mataram Jesus, embora os judeus tenham sido cúmplices. (Mateus 27:22-25) É de se perguntar por que os romanos não são os odiados. O próprio Jesus perdoou os judeus (Lucas 23:34). Até o Vaticano absolveu os judeus da morte de Jesus em 1963. No entanto, nenhuma declaração tem diminuído o antissemitismo.

Há muitas Teorias que tentam explicar o motivo porque em diversos períodos, ao longo dos últimos 1.700 anos, os judeus foram expulsos de mais de 80 países diferentes. Vou citar o que os historiadores e especialistas concluíram que há pelo menos seis diferentes razões: (ALEXANDER, 2014); (Deuteronômio 28:65)

- Teoria Racial.
- Teoria Econômica.
- Teoria dos Estrangeiros.
- Teoria do Bode Expiatório.
- Teoria do Deicídio (já citei acima) - os judeus são odiados porque mataram Jesus Cristo.

Com isso o grupo foi se fortalecendo gradual-

mente, sempre com equilíbrio. Se não houvesse na comunidade nenhum Judeu que vendesse um produto, então a comunidade se reunia e comprava uma loja para venda daquele produto. Essa loja serviria à todos cidadãos e também a todos Judeus. E deste modo, em poucas décadas, ficaram donos dos meios de produção. Por esse motivo, alguns grupos judaicos se tornaram poderosos, porque eram unidos e o dinheiro não saía da comunidade.

Vou dar um exemplo: Ficaram tão importantes que em 2014, na França, país com a maior comunidade judaica do continente (600.000 cidadãos), devido a problemas internos anti-semitas, parte desses cidadãos informaram na embaixada que deixariam o país. Rapidamente o governo francês se pronunciou e acalmou os ânimos da comunidade, das empresas judias e da imprensa.

Agora entrando no assunto da Cabala: de acordo com os estudiosos do tema o segredo da cabala é relacionar palavras e números da Torá de uma forma específica. E sua origem está no Sefer Letsirá, ou Livro da Criação, pequena obra que ninguém sabe ao certo quando e por quem foi escrita. (MATT, 1995).

O fato é que ela introduz a ideia de que Deus

criou o Universo usando as 22 letras do alfabeto hebraico. “O Gênesis já dizia que o verbo divino foi o instrumento da Criação: Deus disse ‘Haja luz’ e houve luz.

A novidade do Sefer Letsirá é especular em detalhes e diz como Deus combinou essas letras, diz o pesquisador Daniel C. Matt no livro O Essencial da Cabala. (MATT, 1995).

O livro também apresenta a ideia das Sefirot, plural de Sefirá, que pode significar “reino” “esfera” ou “contagem” conforme a tradução. Representadas pelos números de 1 a 10, elas são consideradas outro instrumento da criação do Universo. O livro não explica como usar tudo isso para revelar os significados ocultos da Torá.

Posto essa pequena explanação vou passar para vocês o que aprendi, e o texto a seguir foi baseado na obra do Professor Carlos Rosa: Conforme Rosa (1995), o que não contaram sobre o “Livro da Criação” é que na verdade a numerologia cabalística existe há mais de 8 mil anos e nessa época já era usada pelo povo sumeriano que vivia onde é hoje a cidade de Bagdá, capital do Iraque. De posse desse segredo, os sumerianos se tornaram o povo mais poderoso da antiguidade, mas a mesma

teoria diz que, quando negligenciaram aos preceitos numerológicos, foram facilmente derrotados pelos Assírios que se tornaram, na época, quase imbatíveis.

Posteriormente os Assírios também negligenciaram os efeitos dos números e foram derrotados pelos Egípcios que mantiveram o segredo dos números até o advento do Êxodo, do povo hebreu, que viveu escravo no Egito por 430 anos (lembraram da história de Moisés?). Deste modo, acredita-se que enquanto tiveram os segredos dos números em sua posse os Egípcios foram os senhores de todo o mundo desenvolvido. Os Hebreus saíram do Egito (Êxodo 13,37) liderados por Moisés e juntamente com eles os principais segredos dos números, que na época se chamava "Ciência dos Números".

Esse segredo durou até 1954, quando no auge da guerra fria entre o oriente e o ocidente (EUA e União Soviética) um rabino começou a disseminar essa ciência entre os grandes políticos e as grandes empresas americanas culminando com a famosa Perestróica, feita então pelo 1º ministro soviético, Mijail Gorbachov, em 1985, onde desaparece a União Soviética e aparece a atual Rússia.

Foi a partir de então que a Numerologia Cabalística veio à tona e começou a ganhar o mundo. Ela entrou no Brasil pelas mãos do Professor Carlos Rosa em 2001.

Agora vou citar aqui alguns casos Famosos que se utilizam da numerologia cabalística:

Bill Gates (ou Willian Henri Gates III) rei do processamento de dados. O número que domina processamento de dados é o 7. Bill Gates = 7;

Carlos Slim, que já foi o 3º homem mais rico do mundo, mexicano de origem libanesa, chama-se na realidade Carlos Slim Helú, e é considerado o rei da comunicação. O número correspondente a comunicação é o 3. Carlos Slim = 3;

Warren Buffett, já teve o título do 4º homem mais rico do mundo, nasceu Warren Edward Buffett. O número do mercado de capitais do qual ele é o rei é o 4. Warren Buffett = 4.

O ex-presidente norte americano George Herbert Walker Bush, tornou-se através da numerologia cabalística George W. Buch, nome que corresponde ao número 11, o número do poder. O 42º presidente norte americano, Bill Clinton (número 1, liderança) nasceu William Jef-

-ferson Blythe III.

Barack Hussein Obama II, ou simplesmente Barack Obama, é o número 8, número do sucesso material.

Getúlio Vargas (é o número 11, número do poder) nasceu Getúlio Dornelles Vargas, um dos maiores políticos que o Brasil já teve.

Os casos são inúmeros. Diversos personagens conhecidos mundialmente alteraram a sua marca a fim de obter o sucesso desejado.

Mais algumas curiosidades: Quando Pelé foi jogar bola nos EUA no Cosmos (que era um time de Judeus) o Rabino mudou a assinatura do Pelé com uma bolinha em cima do segundo “e”. Vale aqui um comentário em boa hora: o Pelé já jogava muito bem, a mudança na assinatura foi uma ratificação do seu sucesso, mudar o seu nome social não significa que no outro dia você vai ser uma pessoa de sucesso igual ao Pelé ou o *Silvio Santos. É algo de dentro para fora e neste caso, não existe de fora para dentro.

Então é conveniente que se mude a assinatura e nomes que estão sendo utilizados apenas como um “motivador de intenções”; visto que a

mente pode ser uma ferramenta poderosa e contribui tanto para sua “cura” quanto para sua perdição, tudo depende de como você a usa.

Gostaria de deixar claro que pelos meus estudos que somente a mudança de assinatura em nada beneficiara a pessoa. Ao contrário do que muitos “numerólogos” apregoam, não é necessário se inserir, vários acentos ou símbolos ou descaracterizar o nome da pessoa, pelo simples fato de haver algum arcano negativo na base da pirâmide, muito menos inserir letras a esmo, nem deformar o nome de forma a expor a pessoa ao ridículo, ou torná-lo impronunciável.

É preciso fazer um estudo, montar um Mapa Numerológico para saber na realidade em primeiro lugar quem é você. Isso Permite que você se conheça, saiba quais são as suas qualidades e defeitos e quais lições tirar da vida durante o período que está aqui na terra, evoluindo.

“Conhece-te a ti mesmo”. Essa frase foi dita por vários pensadores: Sábio grego Tales de Mileto, Sócrates, Heráclito e Pitágoras. Assim, a numerologia atua também como um importante processo de autoconhecimento.

REFERÊNCIAS:

A TORÁ / A Lei – Edição de Estudo, Integral,
Bílingue na tradução da Bíblia King James
Atualizada (KJA) – 3ª Ed. - São Paulo: Abba Press
Editora, 2012.

A BÍBLIA SAGRADA - versão de João Ferreira
Annes d'Almeida – São Paulo: Sociedade Bíblica
do Brasil, 1995.

ALEXANDER, B (Trad.). O Livro das Religiões - 1a
Ed. - São Paulo: Globo Livros, 2014.

MATT, D. O Livro Essencial da Cabala. São
Paulo: Best Seller, 1995.

ROSA, C. Numerologia Cabalística. São Paulo:
ABNC, 2007.

O FEMININO: A MÃE TERRA CRIADORA DE TODOS NÓS

POR GABRIELA SABINA

O feminino! A mulher! Seu doce aroma e sua beleza física são apreciados por muitos(as). Mas será que todos esses apreciadores têm a coragem, atributo tão masculino, de conhecer sua verdadeira essência?

A grandiosidade do feminino, em todos os seus aspectos, é tanta que é impossível abordar o assunto de uma só vez. Por isso, comprometo-me a escrever uma série de artigos que trarão alguns aspectos do feminino por meio de seus inúmeros mitos.

A verdade profunda da essência do feminino está tão soterrada por padrões patriarcais, pelas mitologias e crenças centradas no masculino, que mesmo a maioria das mulheres atualmente desconhece seu verdadeiro poder. Antes de me

aprofundar na essência do feminino sagrado, devo deixar claro alguns pontos para o entendimento destes artigos. Quando falamos de feminino e masculino, não nos referimos especificamente às questões biológicas e de gênero. Segundo a psicologia Junguiana e muitas teorias orientais todos trazemos dentro de nós as essências do masculino, mais direta, racional, ativa, bélica; e do feminino, mais maleável, intuitiva, reflexiva, resiliente e guerreira. Cada pessoa desenvolve mais ou menos cada um desses aspectos, de acordo com as experiências de vida, a maturidade, as influências internas (hormônios) e externas (educação, sociedade, etc.) e a cada tempo. Como no tradicional símbolo Yin (feminino) e Yang (masculino), um contém o outro e se movem pelas variações de cada polaridade. Quando essas essências estão

em equilíbrio, as relações humanas intra e interpessoais se tornam mais saudáveis.

Já há muitas décadas temos observado um crescente aumento na busca das mulheres por posicionamento social e político e, mais notável, o apoio, ainda tímido, de alguns homens, a esse mesmo objetivo. O que tenho reparado, entretanto, é que o desconhecimento dos mitos antigos ou as errôneas “interpretações” de seu real significado pelo patriarcado fizeram com que as mulheres acabassem por utilizar nessa busca armas e estratégias tipicamente masculinas (patriarcais). (WHITMONT, 1991)

A essência do feminino, sua força e poder, que estiveram enterrados por longos séculos, mas nunca mortas, voltam aos poucos a brotar, e podemos sentir o sutil aroma de seu florescer. Assim é o feminino: como a semente que enterrada, esquecida na escuridão da terra, um dia brota e se torna uma árvore frondosa, forte e geradora de novos frutos.

Mas vamos ao que realmente interessa! O que é esse feminino? O que vem à sua mente quando pensa no feminino?

Mulher? Donzela? Corpo perfeito? Pele impe-

cável? Tutoriais de maquiagem? A bruxa? A fada? Conversas infundáveis? Fragilidade? Existem tantos atributos que podem pertencer ao feminino, não? Do movimento, a Deusa se autocria!

Ela dança, ela movimenta as partículas do Nada e cria os elementos: o ar, as águas primordiais. (MOOREY, 1997)

A Deusa! Sim, a GRANDE, e durante um bom tempo, a única detentora de todo o poder sobre a vida e sobre a morte. A mãe, a nutridora, a dona da magia. Seu corpo era tão importante que de lá surgia um novo ser, aparentemente do nada. Ela nutria, amava, cuidava, ela sabia das coisas, entendia o sentido do vento, o canto dos pássaros, o movimento da lua, a passagem do tempo, os CICLOS. Assim como a mulher que gera em si mesma uma nova vida, era também a Terra, a MÃE Terra, que gerava alimento, água, abrigo e a sustentação da vida.

Exemplos desses são inúmeros. Os primeiros vestígios dessas deusas-mães podem ser encontrados em pequenas estatuetas como as Vênus Impudicas, Sheela na Gig, de Willendorf, de Lespugue, Roumanie, entre tantas outras. Todas elas, entretanto, trazem características comuns: o ventre redondo (de grávida), os seios

fartos (alimento), os quadris largos (fecundidade) e uma ênfase na vulva (segundo alguns historiadores, seria um portal para o submundo, ou mundo interior). (CAMPBELL, 2015)

O mitos mais conhecidos sobre a criação do mundo são, talvez, os gregos:

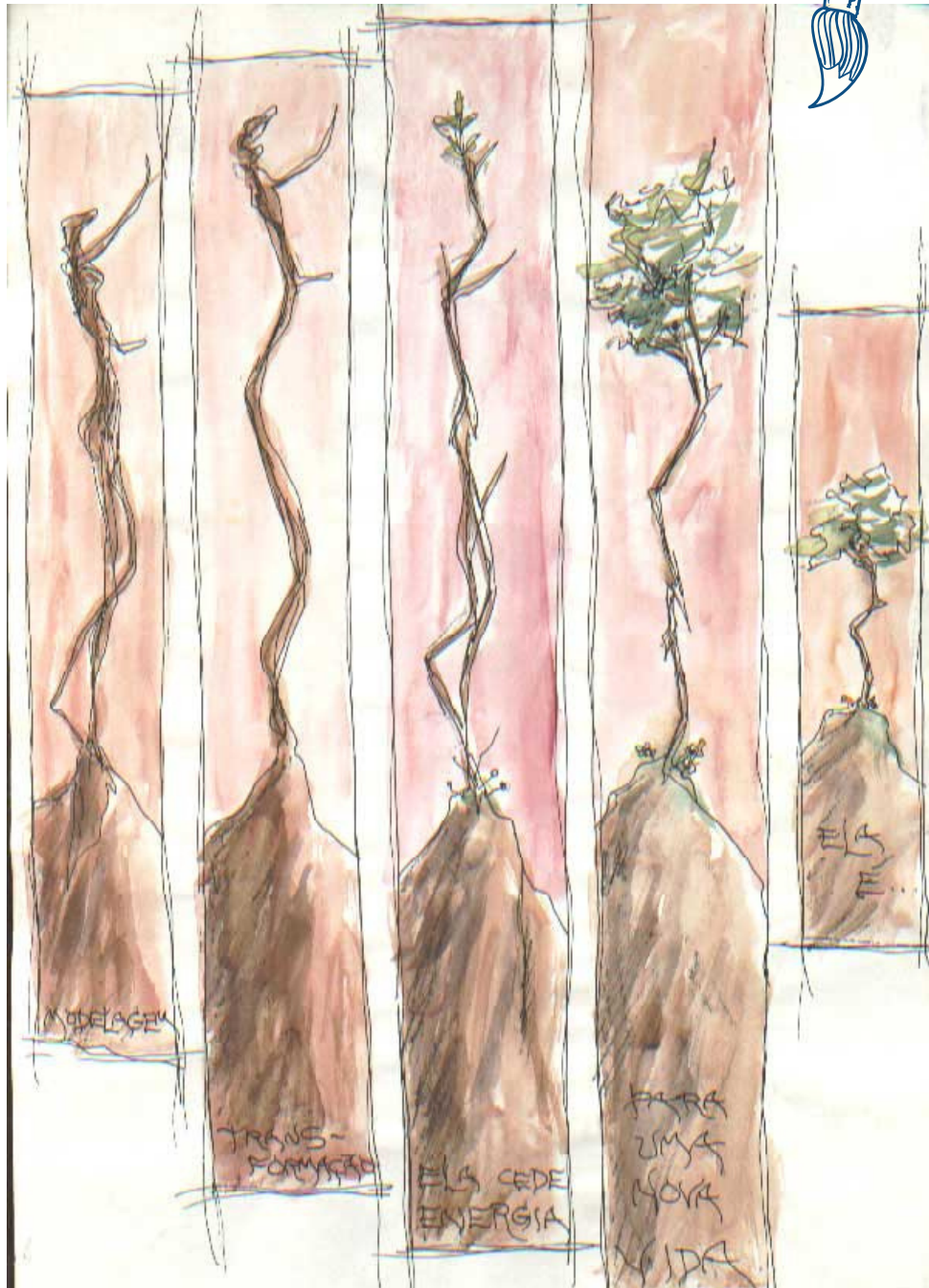
Eurínome, dançando, criou as águas e o vento. Do vento ela criou a serpente Ófion, com quem fez amor para gerar o ovo cósmico, que deu origem a toda a criação: os astros, os planetas e tudo que eles contêm. Seu mito traz uma disputa sobre quem seria o real criador do mundo, uma vez que Ófion, que chocou o ovo, alegava ser o criador do universo, e foi banido por ela para o submundo. Ela era uma deusa anterior a Gaia (Gea), a própria representação da Terra, nosso planeta. O mito também conta que ela se autogerou a partir do caos, e que, cansada de estar só, gerou seu consorte Urano, com quem teve inúmeros filhos (os Titãs e as Titânides, os Cíclopes e o próprio Tempo – Chronos - responsável por destronar seu pai e libertar seus irmãos). Ela pode ser considerada a primeira e mais antiga matéria(lização) da Deusa. Nos mitos centro e norte-americanos existem vários exemplos da criação do Universo pelas mãos do feminino.

Um exemplo é a mulher-aranha, ou mulher-pensante. Ela era uma aranha que, segundo dizem, criou o universo enviando seus pensamentos para o nada, tecendo e juntando todas as coisas com suas teias. Dizem até que ela criou a lua com um novelo de seus fios, e as pessoas com o barro.

Muitos dos mitos de várias regiões do mundo acabam por se repetirem em seus padrões: o casamento da Terra e do Céu e o aprisionamento de seus filhos entre o casal primordial. Isso pode explicar o porquê da relação do feminino especialmente com elementos água e terra.

Mas o feminino não é só criação, ele também está relacionado à morte. Afinal, é a terra que cria, dá o alimento, o sustento, o material básico de subsistência e recebe os corpos daqueles que partem. Até hoje enTERRAMOS nossos mortos, suas cinzas, ou as espalhamos na água. Essa tradição vem da crença antiga de que a terra dá e a terra tira para poder fazer renascer. Alguns ritos de passagem, que marca(va)m transições importantes nas fases de vida do ser humano, também estão ligados à Mãe Terra. (PRIETO, 2015).

Ilustração da HQ "A Mãe" de Gazy Andraus.



Muitos desses ritos incluíam um tempo na escuridão de uma gruta, para que o menino se tornasse homem, ou o plantio do primeiro sangue da menina na terra, para que marcasse sua passagem para o mundo da mulher. Sempre dedicando esse poder ao Feminino. Ela - a terra, a mulher é que era responsável por gerir o destino dos homens. (FAUR, 2015).

Para citar alguns exemplos de deusas que regem o destino, temos as deusas tríplexes.

- As Moiras: três irmãs gregas que teciam os destinos dos deuses e dos homens. Cloto, a fiadeira, que fazia o fio da vida; Láquesis, que puxava e enrolava o fio da vida, e determinava o que a pessoa ganhava ou perdia; e Átropos, a que cortava o fio da vida determinando assim seu fim.



REFERÊNCIAS:

CAMPBELL, Joseph. *Deusas: Os Mistérios do Divino Feminino*. São Paulo: Palas Athena, 2015.

FAUR, Mirella. *O Anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a deusa*. São Paulo: Alfabeto, 2015.

MOOREY, Tereza. *A deusa: Aprenda a descobri-la e a cultuá-la em todas suas manifestações*. São Paulo: Pensamento, 1997.

PRIETO, Claudiney. *Todas as deusas do mundo: rituais wiccanos para celebrar a Deusa em suas diferentes faces*. São Paulo: Ardane Books, 2015.

WHITMONT, Edward C. *Retorno da deusa*. São Paulo: Summus, 1991.

- *Parcas*: são a versão romana das moiras, com nomes diferentes (Nona, Décima e Morta), mas com exatamente as mesmas funções.

- *As Nornes*: três anciãs nórdicas que vivem em Asgard. Elas tecem o destino dos deuses e homens, além de zelar pelo cumprimento e conservação das leis que regem as realidades de todos os seres. Elas representam o passado, o presente e o futuro.

É interessante observar como a tecelagem e a ligação com a matéria (terra) e a água, que permite a moldagem, são tarefas, funções e aptidões tipicamente femininas.

Os atributos do feminino vão ainda muito além, como disse no início, mas, para que possamos nos debruçar com mais atenção a cada um deles, preferi dar foco a cada um em um artigo diferente.

Neste falamos do Destino e da Terra. No próximo vou trazer um pouco da ligação da mulher com os ciclos da vida e as fases da Lua.

PROMETHEUS: NOSSO FRANKENSTEIN ARCAICO E ATEMPORAL!

POR ROSANGELA CORRÊA

Recentemente, no Halloween do fatídico 2020, li a obra clássica criada por Mary Shelley chamada - Frankenstein: ou o Prometeu Moderno, que é considerado um marco na literatura gótica e ficção científica, e que acabou inspirando nosso trabalho investigativo e composição do título deste artigo. A autora assume, de certa maneira, uma representação simbólica, como uma espécie de Pandora-Prometeica, por sua contribuição contemporânea e transgressiva, visto que à sua época, mulheres tinham uma certa dificuldade em expressar seu livre pensar e serem acolhidas numa sociedade intelectual e predominantemente pautada nos moldes patriarcais. Acredito que todos conhecem ou já ouviram falar de alguma maneira sobre Frankenstein, não é verdade?! Seja em filmes, quadrinhos, desenhos, campanhas publicitárias,

entre outros; todos, de alguma maneira, sabem que trata-se daquele monstro alto, verde, com um grande parafuso atravessando o pescoço, e todas as partes do corpo unidas e remendadas no aspecto de costura aparente. Correto? Errado! E registro aqui meu alerta de spoiler, pois este que acabei de descrever brevemente é, na verdade, entre grandes aspas, o “MONSTRO”, e o nome famoso que conhecemos é do médico que o criou, o Dr. Victor Frankenstein, que em sua ambição (hybris) por conhecimento, ultrapassa limites perigosos, identificando-se arquetipicamente com o mito de Prometeu, nosso ilustre convidado de estudo e provocações reflexivas neste artigo. Para prosseguirmos é importante pontuar que, de modo geral, as mitologias, especialmente a grega, por ser objeto de nosso estudo neste artigo, derivam e intercomuni-

cam-se em narrativas de autores e poetas diferentes, como Homero, Hesíodo, Ésquilo, Platão, Goethe, Nietzsche, entre outros grandes, que nos brindam com seus brilhantismos em torno dos personagens mitológicos. Dito isto, uma narrativa de modo algum inviabiliza a outra, muito pelo contrário, pois este artifício enriquece e amplia as perspectivas e possibilidades de interpretação, não por mero exercício ou exibicionismo intelectual, mas sim para nos valermos de recursos como: analogias; aproximações com distanciamento psíquico; e, especialmente, o exercício empático de fazermos paralelos com nossas vidas e demandas cotidianas.

“A mentalidade primitiva não inventa mitos, mas os vivencia. Os mitos são revelações originárias da alma pré-consciente, pronunciamentos involuntários acerca do acontecimento anímico inconsciente e nada menos do que alegorias de processos físicos”. (JUNG, 2008, p. 261)

Basicamente, o mito Prometeu compreende três etapas fundamentais: 1 – Simbolizado na obtenção e/ou roubo do fogo (centelha divina, inteligência astuciosa), beneficiando a humanidade por meio da criação do ser consciente; 2 – Articula, advoga e engana deus

ses em favor do homem, como no episódio que se dá após deliberação em assembleia divina para exterminar os homens; 3 – Processo de castigos e punições, tanto à humanidade quanto a Prometeu, bem como desfecho de reintegração e superação. A seguir, vamos tentar contextualizar com trechos do mito e reflexões correlatas.

Prometeu: é um titã, primo de Zeus, filho de Jápeto ou Lápeto e da Oceânida Clímene. Porém, considerando o espectro simbólico e/ou psicológico, uma das versões sugerem Prometeu como “filho” de Zeus, mas também como “filho” de Témis, dando voz a essa dicotomia de autoridade patriarcal em contraponto aos aspectos arquetípicos sobre justiça, astúcia e prudência, que são bases de deusas matriarcais. Inclusive a etimologia do nome Prometeu (pro = que vê antes e mêthos = saber/ver) significa prudente, previdente, aquele que reflete antes. Em oposição a seu irmão, Epimeteu, aquele que compreende depois, que age sem antes pensar. Atlas e Menoécio também são seus irmãos, e pertence à segunda geração de titãs.

Zeus, seus irmãos e alguns aliados, em um dado momento, destronam seu pai, Cronos, e

iniciam a era dos olímpianos. Prometeu (aquele vê antes), antevê os acontecimentos de uma grande guerra contra os titãs, e torna-se um dos aliados de Zeus, levando Epimeteu consigo, além de articular a importante colaboração dos Ciclopes, que concordam em ceder como empréstimo os raios que foram determinantes na batalha para derrotar Cronos e os outros titãs. Zeus, então, assume o poder, instaurando o reinado olímpiano, dando início à sobrepujança definitivamente do patriarcado sobre o matriarcado, mitigando e substituindo por outras deidades masculinas, ou aniquilando completamente as ações, poderes e representatividade de muitas deusas arcaicas. Obviamente, ele também não devolveu os raios aos Ciclopes, sendo este um dos elementos de grande representatividade de seu poder.

Prometeu é considerado o grande benfeitor da humanidade, sendo-lhe inclusive atribuída a criação, capacitação para o bem viver a partir dos recursos disponíveis e proteção contra eventuais aniquilamentos por deidades. Entre as narrativas há algumas incompatibilidades sobre a criação do homem. Uma delas, descrita na coleção da Abril Cultural, apresenta de maneira bastante poética a versão que indica que fora o próprio Prometeu que, a partir do

barro ou limo misturados às suas lágrimas, modela e dá forma aos primeiros homens. Trabalhou incessantemente esculpindo uma multidão de estátuas, e deu-lhes algumas características de valor como: “a coragem do leão, a fidelidade do cavalo, a força de um touro, a esperteza da raposa, avidez do lobo”, mais ainda lhe faltava algo... Em outra versão, o homem já estava criado e Prometeu teria sido incumbido de distribuir os dons aos seres vivos, e Epimeteu, entusiasmado com a tarefa, pediu que o irmão o deixasse fazer o trabalho. Ainda em outra, muito próxima a esta última, teria sido Epimeteu, desde o princípio, o responsável pela tarefa, porque supostamente Prometeu teria se recusado. Mas ambas resultam em que, antes de se ater ao homem, Epimeteu distribuiu e esgota todos os dons: força, rapidez, resistência, pelos, asas e tantos outros, restando nada ao homem.

Arrependido, Epimeteu recorre a Prometeu, que escolhe o Fogo Sagrado para entregar à humanidade, tornando o homem uma criatura superior aos demais seres, especialmente pela capacidade de raciocinar, bem como por suas propriedades físicas e objetivas, como cocção, forja, calefação, etc., representando o despertar da consciência, o princípio da intelectualização

do conhecimento, os saberes. Não apenas sob o aspecto negativo, Prometeu é um herói transgressor, é aquele que traz o fogo do conhecimento ao homem, e esse conhecimento, essa consciência de nossas habilidades e potencialidades, pode tornar-se grande perigo e queda, conforme sua utilização, meio ou fim. E por isso esse mesmo herói transgressor passa também a representar um iminente perigo, com irrefutáveis consequências e castigos severos, muitas vezes inevitáveis.

Ainda sobre a origem do Fogo Sagrado, (que em algumas versões só será considerado roubado mais adiante), pode ter sido colhido do carro do Sol de Apolo, que é um deus solar, que diz respeito à vontade, à essência do indivíduo; ou adquirido dos domínios de outro deus: Hefesto – (aproveito para registrar que falaremos de maneira mais abrangente sobre Hefesto: o MacGyver Olímpiano, no próximo artigo, na revista de abril;-) – deus do fogo, da forja. Segundo o analista junguiano Carlos Byington, no que tange o símbolo da materialidade, da transformação, temos aqui também vinculado o eixo Hefesto-Atena X Prometeu-Pandora, que também é comentado e estudado por Jung, a partir das narrativas de Goethe e Spitteler, associando arquetipicamen-

te os princípios do conhecimento, sabedoria e estratégia, cunhados pela deusa Atena, e que ela teria animado o homem, em colaboração à criação de Prometeu, dando-lhe a alma, a psique, “anima”, na teoria junguiana.

Num dado momento durante a evolução do mito, quando todos viviam num estado paradisíaco, se fez necessário estabelecer uma diferenciação entre deuses e homens, principalmente porque Zeus temia a cumplicidade entre o titã bem feitor e a humanidade, pois o homem, embora não fosse um deus, havia se desenvolvido de muitas maneiras, e não dependia, por assim dizer, das dádivas dos deuses para sobreviver, além de estar ciente da força arquetípica dos padrões familiares, lembrando que ele havia destronado seu pai, Cronos, e este, por sua vez, destronado Urano, avô de Zeus, justificando, assim, a conclamação em assembleia pelo extermínio humano, uma espécie de “reboot”, viabilizando os interesses e expectativas dos deuses, especialmente Zeus. Naturalmente, Prometeu diverge da decisão e age, orientando os homens a sacrificar os animais em intenção aos deuses. Novamente, segundo a teoria junguiana, arquetipicamente o sacrifício animal simboliza abdicação dos instintos primitivos, viabilizando a

humanidade e desenvolvimento da personalidade. Essa movimentação não prevista por Zeus instaura uma mudança sensível nos paradigmas vigentes, culminando numa reunião entre mortais e imortais. No livro de Junito Brandão o local apontado é Mecone, mas a analista junguiana Maria Helena Guerra, na palestra do café filosófico, (devidamente referenciados no final deste artigo), indica o Campo das Papoulas como local do encontro, comentando que o nome é bastante sugestivo, referindo-se à “confusão de Zeus” ao que se segue - quase que protocolarmente é instituída a prática sacrificial do rito, no qual um grande animal é sacrificado e parte dele deve ser oferecido aos deuses. Prometeu, articulador e mediador da cerimônia, se antecipa usando de ardil, e faz a separação do animal sacrificado em duas partes, sendo uma de carnes boas e nobres, coberta com a pele (ou estômago) do animal, e outra de ossos cobertos com a banha/gordura do animal. Zeus parece perceber a artimanha, mas Prometeu contra-argumenta, oferecendo a opção da escolha, e Zeus se deixa seduzir pelo peso e aspecto brilhante de ossos camuflados sob a gordura. Temos aí o apogeu narrativo do mito, pois esse episódio deixa Zeus colérico, despertando sua ira. Sem demora retira o fogo do homem, bestializando-o, pondo ter-

mo no estado paradisíaco, em que os homens viviam em harmonia com os imortais”. (Brandão, Vol. II, 2015, p. 168). Mais uma vez, Prometeu intercede, e, segundo algumas versões, é a partir desse ponto que o “roubo” de fato acontece, como continua nos contando Junito: “roubou uma centelha de fogo celeste, privilégio de Zeus, ocultou-a na haste de uma fécula e a trouxe à terra, “reanimando” os homens.” (Brandão, Vol. I, 2015, p. 175). E, desta feita, Zeus decide impetrar severa e definitivamente castigos aos homens (humanidade) e ao titã Prometeu.

Até então na mitologia grega só havia homens, e estes casavam-se com ninfas. Por isso Pandora é considerada a primeira mulher, como criação para causar castigos e infortúnios aos homens. E quanto a Prometeu, segundo Ésquilo, antes mesmo de acontecer o martírio com a ave, ele fora acorrentado e jogado nas entranhas da terra, condenado a uma queda sem fim por milhares de anos - conta-se dez mil anos; e só após esse período, ainda acorrentado, é levado ao monte Cáucaso, onde a ave de Zeus devoraria durante o dia, parte do fígado (considerado sede da vida), para que durante a noite ele se regenerasse e voltasse a alimentar a ave, numa sequência contínua por

alguns milhares de anos, e que só cessaria caso algum deus estivesse disposto a tomar seu lugar e descer ao Hades. É interessante perceber que pouco ou nenhum debate existe sobre a queda sem fim que Prometeu sofreu no início de sua punição, mas que nos oferece riquíssimo material e oportunidade, através de analogia, para abordarmos questões em torno das consequências depressivas, mediante as decisões e ações experimentadas na trajetória mitológica, e, conseqüentemente, nas quedas que muitas vezes experimentamos em nossas próprias vidas...

Vamos falar de Pandora (que significa a dadivosa, que detém todos os dons). Zeus foi especialmente cuidadoso nesse designo, segundo Hesíodo:

“... Eu então entrego um mal,
com que todos devem se alegrar
E, amorosamente abraçar a própria perdição!”
Assim falou e riu
o pai dos homens e dos deuses.”
(RASCHE, 2017, p. 77-78)

Assim como as correes que prenderam Prometeu, Zeus ordena a Hefesto que “produza” uma criatura maravilhosa: a primeira mulher, e

que ela receba dons oferecidos pelos demais deuses. Entre eles, Afrodite lhe oferece beleza e encantos fatais; Hermes, além de dons como artimanha, astúcia, dissimulação, traição, lhe dá também a língua; e Apolo, a suavidade na voz. Quando pronta, Zeus lhe entrega uma caixa como presente de núpcias, e Hermes a leva, como presente dos deuses, para Epimeteu, que, anestesiado pelos encantos do novo ser ali “presente”, aceita de bom grado, negligenciando completamente as recomendações de seu irmão Prometeu, sobre nenhum homem aceitar presente algum dos deuses, prevendo retaliação e vingança pelos feitos recentes. Temos aqui uma gigantesca aproximação do mito judaico-cristão sobre Adão e Eva, que ao provarem do fruto proibido da árvore do conhecimento, lidam com as consequências da expansão de consciência: sobre dualidade e opostos, que caracterizam a vida tempo-espacial; sobre o certo e o errado, o bem e do mal, e, dessa forma, são eles também, irremediavelmente, expulsos do paraíso.

Em tempo, vamos falar sobre a Caixa de Pandora. Tendo em vista que Epimeteu tombou pelos encantos de Pandora, convenhamos, não há como esperar desfecho diferente sobre a cu-

riosidade e insubordinação feminina, retoricamente inculcada pelos deuses, que ela negligenciasse qualquer alerta, orientação ou recomendação sobre NÃO abrir a tal caixa presente de núpcias, não é verdade? Pois bem, o tal presente que fora meticulosamente abastecido por Zeus com todo o tipo de infortúnio, mazelas, misérias, desgraças, e que, previsivelmente, seriam espalhados por Pandora, parece ter tido especial atenção a um dos componentes, que por susto ou por preciosismo de um sussurro ao pé do ouvido, articulado pelo próprio Zeus, a fez fechar a famigerada caixa retendo a ESPERANÇA.

Pois bem, a esperança apresentada dessa forma neste episódio costuma gerar certa agitação nos meios de discussão. Tendo em vista que a caixa supostamente só continha desventuras, como podemos lidar com a presença da esperança neste contexto? Quase que de forma investigativa, perguntei a estudiosos, curiosos e até aos desatentos sobre o tema; pesquisei nos livros e afins. Mas a maioria acha, romanticamente, que é algo exclusivamente bom, o que obviamente também o é, mas proponho algo além do espectro feliz, comumente pensado que “a esperança é a última que morre”; registro provo-

cativamente aqui, ainda fruto da pesquisa, outras duas possibilidades de reflexão: A primeira, que pode se tratar de uma esperança vã, daquelas que mantêm o indivíduo inerte em suas desventuras, quase sempre “delegando” a outrem a “missão” de resolver seus próprios problemas e/ou quem nunca ouviu ou já disse, em algum ou muitos momentos, as antagônicas frases – “Se Deus quiser: ... (passo de ano), (recebo um aumento), (viajo), (me caso), (meu time será campeão)”...Isso pra só ficarmos na projeção da esperança numa deidade. Mas, sejamos sinceros, nós fazemos isso muitas vezes e de muitas maneiras em nosso cotidiano, e quanto não assumimos nossas vidas, algo ou alguém o fará, e quase nunca em nosso benefício, e não necessariamente porque nos querem mal objetivamente, mas porque a prioridade do outro deve também, recorrentemente, estar em outras demandas. A segunda gira em torno do que a palavra esperança suscita naturalmente, mas que ficou presa na tal da caixa de onde todos os males haviam saído. A esperança ficou aprisionada, não foi dada à humanidade, embora seja possível obtê-la, obviamente, não sem esforço. Ou, quem sabe, até com o atrevimento análogo ao empreender iniciativas de mudanças de rumo em alguma história de vida estagnada ou

infeliz. ímpeto de Prometeu, possamos nos apropriar desse recurso como meio demotivação e persistência e nunca como acomodação e inércia. Tendo em mente a lição legada sobre a medida de nossos interesses e conquistas, sobre limites e responsabilidade dos recursos à nossa disposição. Tudo nos é permitido, mas nem tudo convém! Para encurtar a história, como já mencionado, os mitos vão se interconectando, e cada um carrega um manancial imenso e delicioso de conteúdo, que certamente serão trazidos ao logo da existência desta nossa revista Mitologia Aberta, e após muitos e muitos anos em castigo, sofrimento e, não tenho dúvida, de ressignificações, o herói Hércules ou Héracles, filho amado de Zeus, mata a ave que dilacerava o fígado de Prometeu e articula uma solução que beneficiaria todos os envolvidos: ajudando Quíron, seu amigo e mentor, que jazia exaurido por dores atrozes, fruto de uma ferida incurável e eterna, por sua imortalidade, trocando de lugar com Prometeu no desfecho fatal, seguindo para mansão dos mortos, o reino de Hades, bem como a libertação do titã, condicionada, segundo uma das versões, a utilização de “um anel de ferro no qual estava incrustada uma pedras Cáucaso” (Rasche, 2017, p. 87), para lembrá-lo que apesar de liberto, ele estaria para sempre na condição de prisioneiro, em consequência de

suas transgressões; além de revelar o segredo tão almejado por Zeus sobre uma eventual detronação violenta e os meios para evitá-la.

"Prometeu descobriu através da deusa Têmis ou Geia, que aqui aparece como sua mãe, que o domínio de Zeus acabaria através da violência, Trata-se de um segredo que Zeus quer arrancar a Prometeu usando de todos os meios. Mas Prometeu se cala e reflete:

Eu, entretanto, quero esgotar a sorte que me coube

Até que o pensamento de Zeus

Se cure de sua raiva...

Embora seja verdade que a confissão desse

Segredo me livraria dos tormentos

E da vergonha das correntes.” (RASCHE,

2017, p. 83-84)

Finalizando, retomo sucintamente a menção da obra de Shelley, sobre a correlação entre o Dr. Frankenstein e o mito Prometeu: O médico nascido numa família abastada, com pais dignos de um conto de fadas, dos padrões Disney, naturalmente, estimulado ao desenvolvimento físico e intelectual. Desde muito cedo flerta com a ciência alquímica de conhecimento pesquisados, desenvolvidos e registrados em livros de autores medievais, tornando-se absolutamente seduzido desde os bancos

acadêmicos, durante sua formação científica, ao que dedica-se incondicionalmente, na criação de vida a partir de um corpo inerte, como que “brincando de Deus”. Recomendo vivamente a leitura desse clássico, pois Shelley, que contava apenas 19 anos na época, captura magistralmente a essência do mito reproduzindo com maior “proximidade” a realidade humana. Assim como Prometeu, o Dr. Victor trabalha incessantemente em sua criação e, ficcionalmente, insufla o princípio vital em sua criatura. Imediatamente se dá conta de sua hybris, de sua transgressão, e, diferente de um deus ou titã, é incapaz de lidar com o desatino e inevitáveis consequências de seu ato, sucumbindo numa queda sem fim, numa imersão interna e depressiva análoga ao início da punição de Prometeu. Entretanto, o estado depressivo pela consciência do ato infame trata-se apenas do início do martírio de Frankenstein, que no desenrolar da trama quita com a vida de todos os envolvidos na ação insequente. Todavia, embora pouco debatido neste seguimento, ele também assume e personifica a negação consciente, para não aumentar seu desatino. O Dr. Victor Frankenstein cometeu um ato infame, na verdade vários, mas incomoda-me pessoalmente a desconsideração sobre a

hercúlea e infinita tentativa de reparação por sua transgressão, além do viés exclusivamente vil de seu pecado... Pouparei o caro leitor de mais spoilers sobre uma obra tão deliciosamente instigante, na tentativa de inspirar-lhe curiosidade, apimentada por uma última informação sobre haver uma impressionante referência pandórica na trama.

Mas, diferente de Prometeu, o Dr. Frankenstein, em alguns aspectos, identifica-se mais com Epimeteu, no que tange o quesito time de ação X reflexão de seus atos, visto que Prometeu sabia de tudo, inclusive das características e até da duração de sua punição, quase que aproximando-se do: “afastai de mim esse cálice, Pai..., mas que não se faz a minha, mas a tua vontade!”, em mais uma aproximação do mito cristão.

“Para Gaston Bachelard (BACF, 30-31), o mito de Prometeu ilustra a vontade humana de intelectualidade; mas de uma vida intelectual, à semelhança da dos deuses, que não esteja sob a dependência absoluta do princípio de utilidade. Nós propomos, portanto, arrolar sob o nome de complexo de Prometeu todas as tendências que nos levam a saber tanto quanto nossos pais, mais que nossos pais, tanto quanto os nossos mestres,

mais que os nossos mestres. Ora, é manipulando o objeto, é aperfeiçoando nosso conhecimento objetivo, que podemos esperar nos colocar mais claramente no nível intelectual que admiramos em nossos pais e mestres. A supremacia por meio de instintos mais poderosos naturalmente um número bem maior de indivíduos. Se a intelectualidade pura é excepcional, ela é sobretudo característica de uma evolução especificamente humana. O complexo de Prometeu é o complexo de Édipo da vida intelectual." (CHEVALIER, 2017, p. 746).

Fecho o artigo com o trecho do livro Dicionário de Símbolos, pois sintetiza a ideia do complexo trabalhado e já instiga uma possível nova abordagem de estudo futuro... Porque Édipo também é tão interessante! Não é verdade? Querido leitor, a revista é colaborativa e orgânica; Participe! Seja sugerindo temas, indicando e compartilhando em suas respectivas redes e meios de convivências, e quem sabe nos brindando com algum material autoral?! Sinta-se à vontade em aceitar o convite, sugestão e/ou provocação, mas inexoravelmente, fazendo uso, você também, da parte que lhe cabe desse tal Fogo Sagrado, arquetipicamente legado por Prometeu, em suas próprias intenções e anseios, com a devida cautela e prudência. Até breve!

REFERÊNCIAS:

- BOECHAT, Walter. Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 1996.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BULFINCH, Thomas O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 2017.
- JUNG, Carl Gustav. Símbolo da Transformação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. Tipos Psicológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- RASCHE, Jörg. Prometeus: Revolta, Amadurecimento e Transformação do Princípio Masculino do Self. São Paulo, SP: Cultrix, 2017.
- SHELLEY, Mary. Frankenstein ou o Prometeu Moderno. Rio de Janeiro, RJ: DarkSide Books, 2017. Coleção Mitologia – Abril Cultural – Editor: Victor Civita. Copyrighty Mundial 1973.

Sites acessados entre 04 e 05 de fevereiro 2021:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Frankenstein>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Spitteler

<https://felipepimenta.com/2018/08/17/resenha-prometeu-e-epimeteu-de-carl-spitteler/>

[https://www.youtube.com/watch?v=Og1569wKcsU&list=PLe_B1AmZvQBz2UilwT16Al6A2i](https://www.youtube.com/watch?v=Og1569wKcsU&list=PLe_B1AmZvQBz2UilwT16Al6A2iHqcT9FG&index=2)

[HqcT9FG&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=Og1569wKcsU&list=PLe_B1AmZvQBz2UilwT16Al6A2iHqcT9FG&index=2)

<https://www.youtube.com/watch?v=BLkU3jMvOZk>

[3jMvOZk](https://www.youtube.com/watch?v=BLkU3jMvOZk)

<https://www.youtube.com/watch?v=G1CP1BIR9kw>

[1BIR9kw](https://www.youtube.com/watch?v=G1CP1BIR9kw)

Filmes:

Mary Shelley (filme de 2017) # Além do contato com muitas obras sobre mitologia, filosofia e psicologia, especialmente a junguiana.

SÍSIFO: O DECURSO DA VIDA A PARTIR DA PERSPECTIVA JUNGUIANA

POR FELIPE OLIVEIRA

O presente artigo pretende lançar luz (ainda que bruxuleante) ao mito grego de Sísifo a partir da psicologia complexa junguiana. Nesse sentido, será feita uma ampliação simbólica do mito para falar de morte, vida e o que ocorre neste “meio tempo”, isto é, o decurso do (des)envolvimento psicológico humano. Coloco parêntesis na palavra não sem motivo: envolver-se e desenvolver-se (sair do envolvimento) aqui são antagônicos, muito embora o que parece um deles, na verdade pode ser o outro. Pelo menos, é como Sísifo nos mostra. Como distinguir? Talvez eu nunca saiba.

Embora tenha esta temática tanatológica, o contexto pandêmico em que vivemos em que este artigo é produzido, pode dar a você, que es-

tá lendo, a sensação de que aproveitei a situação para “falar algo” para famílias que perderam seus entes queridos. Longe de mim agir com tamanha crueldade revestida de palavras bonitas e referências bibliográficas. O silêncio seria melhor. Portanto, se o tema é sensível para você, humildemente peço suas desculpas e peço também que deixe a leitura para outro momento. Ocorre, contudo, que a morte enquanto um fenômeno ou imagem psíquica existe desde a primeira noite humana nesta terra, e continuará existindo - e o que Sísifo nos mostra é que, embora o fim seja inescapável, enquanto vivos, sempre poderemos lutar pela nossa vida e a de quem amamos. Talvez essa seja a própria vida. Que assim façamos.

Dito isso, vamos nos deslocar um pouco do nosso próprio período histórico para falar de mitos - destas grandes narrativas atemporais da história psíquica da humanidade e suas possibilidades de realização - e de um médico suíço que buscou compreender esta história na própria mente e na própria carne, durante o rico capítulo que foi sua própria vida.

A psicologia de Jung a respeito da morte

Carl Gustav Jung viveu entre 1875 e 1961 e como o próprio autor diz (2016, p. 25), sua "...vida é a história de um inconsciente que se realizou". Uma vida longa e bem vivida, repleta de descobertas que coroaram não só sua alma com uma sabedoria incomum, mas também a alma de todos aqueles que entraram em contato com suas obras, extraindo delas lições que abrilhantaram intelectos e deram mais "vida à própria vida" a inúmeras existências mesmo após sua morte. Descobertas estas que vieram de sua larga experiência enquanto médico e psiquiatra, ao analisar centenas de sonhos e manifestações expressivas de seus pacientes ao longo de sua longa trajetória profissional, mas também por sua assídua curiosidade em relação aos mistérios da alma que permeiam o mundo objetivo em diversos (e díspares) campos do saber: na mitologia, antropologia, física quântica,

alquimia, artes e inúmeros outros. Jung expôs sua curiosidade e preocupação com um dos maiores destes mistérios da vida – justamente a morte, o seu fim - em conferências, cartas e ensaios publicados, trazendo para nós sua visão sobre o tema em extensa literatura, sobretudo em dois capítulos de A Natureza da Psique (volume VIII/2) e ao longo de Os Arquétipos do Inconsciente Coletivo (volume IX/1), sem falar em sua biografia organizada por Jaffé intitulada Memórias, Sonhos e Reflexões (2016), na qual, entre outras passagens, reserva um capítulo dedicado ao assunto da vida após a morte – tema de seu fascínio e preocupação. Aniella Jaffé (in JAFFÉ et al, 1980, p. 12) nos traz o resumo pelo qual podemos entender, se não toda a produção do mestre a respeito da morte, ao menos um vislumbre de sua importância. Segundo a autora,

"Originalmente, Jung havia formulado a psicologia da individuação, e o processo de conscientização, como um ponto a ser confrontado com os conteúdos da psique inconsciente, tendo em vista o sentido da segunda metade da vida. Portanto, em essência, grande parte do que ele pensou e escreveu a este respeito – mesmo se formulado indiretamente – foi uma psicologia do envelhecimento. O processo de individuação, em última análise, não é uma mera escola da vida, mas

quando bem compreendido, uma preparação para a morte.” (idem)

Jung estava convicto de que a vida era como "um jogo que representa um intervalo numa longa história". Então o que existe entre os dois momentos, no mistério do Antes e do Depois dessa eternidade, neste curto intervalo que chamamos de vida, é um contínuum de “ascensão e queda, desenvolver-se e definhar e, diante dessa totalidade de vida-e-morte, deve-se ainda perceber como é grande a semelhança entre o desejo de viver e o desejo de morrer”. (JAFFÉ et al, 1980, p. 11)

Tudo isso de forma circular e espiralada, retornando para seu início ininterruptamente. E em meio a tudo isso, buscamos uma diretriz: um sentido. Este sentido se dá no decurso da vida, e aqui vale dizer que Jung (2000, §778) utiliza a metáfora do curso diário do sol para exemplificar a experiência da vida humana. Conforme o autor nossa infância é como se fosse o sol nascendo e ascendendo, à meia idade, chegamos ao meio-dia, onde atingimos o zênite (o ponto mais alto) da vida cheios de radiância e energia para abrilhantar o mundo externo, para em seguida começar uma curva descendente até a morte, quando o sol se põe. "O Sol torna-se, então, contraditório consigo mesmo. É como se reco-

lhesse dentro de si seus próprios raios, em vez de emití-los. A luz e o calor diminuem e por fim se extinguem." (idem).

Em outra metáfora, desta vez com termos vindos da física, Jung, (idem, §798) conceitua a morte como um processo energético irreversível cuja meta, ou fim, é um estado de repouso (a morte). A verdadeira meta da vida, apesar de não parecer na faixa dos 30 anos de idade, não é o ponto mais alto do céu, mas o vale mais baixo da terra. A vida então é a "perturbação inicial" de um estado de repouso que já existia e que busca (re)estabelecer-se. A vida busca atingir um determinado fim, sendo o organismo (no caso do ser humano, seu corpo, tal como o de sua espécie) nada mais do que um sistema de objetivos prefixados. Que objetivos são estes? Para o corpo, em sentido biológico, seu repouso na morte após a perpetuação da vida.

“Que horror!”, talvez você esteja dizendo agora. Pareceu fatalista, certo? Em uma visão subjetiva (pessoal), sim. Mas devemos considerar que essa concepção individualizada da morte (uma reação muito natural, não se preocupe) contrasta com a visão de algumas das religiões mais representativas e, portanto, melhores correspondentes da psique coletiva da humani-

dade Segundo Jung (2000, §804) pode-se afirmar que a maioria delas é um complicado sistema de preparações respondentes da psique coletiva da humanidade. Segundo Jung (2000, §804) pode-se afirmar que a maioria delas é um complicado sistema de preparações para a morte, de tal modo que a vida torna-se uma preparação para o fim derradeiro e não uma mera interrupção dolorosa e cruel.

De acordo com Jaffé (1980, p. 14 - 15) Jung formulou seus pensamentos sobre a morte a partir de experiências de vida e concepções pessoais, sem necessariamente recorrer a provas científicas, validação das afirmações ou considerar consequências lógicas. Contudo, vemos que isso de nada invalida suas imagens uma vez que, nelas, podemos reconhecer semelhanças e paralelos mitológicos trazidos não por uma pessoa ou duas, mas por povos e culturas inteiras. É o que se pode chamar de um vislumbre psíquico da morte a partir de imagens do inconsciente coletivo. Ele estava atento "aos fantásticos mitos da alma", pois sabia que "deste modo, ele [o humano] está interligado com a natureza básica da alma, e sua vida torna-se uma unidade maior, mais plena" (idem).

Ampliações mitológicas da morte

Jung buscava o entendimento da morte por meio do "mitologar" (mythologein), pois só pelo espírito não pode compreender com exatidão – apreender, quanto mais ter certeza daquilo que é incapaz de compreender. Ele estava atento "aos fantásticos mitos da alma" pois sabia que "o inconsciente nos dá uma oportunidade (...) é capaz de comunicar aquilo que, pela lógica, não podemos saber (JUNG, 2016b, p. 300). Neste sentido, podemos falar em uma morte em sentido arquetípico, isto é, como tendências primordiais e coletivas para moldar as imagens psíquicas (a imaginação), verdadeiras categorias apriorísticas das fantasias; formas sem conteúdo que "pertencem ao substrato fundamental da psique inconsciente e não podem ser explicados como aquisições pessoais" (JUNG, 2000, §229).

Nem sempre é evidente em nossa sociedade (principalmente no período pandêmico em que vivemos, no qual a morte assume apenas o manto da destruição), a multiplicidade de imagens arquetípicas que o tema da morte é capaz de manifestar psiquicamente e no coletivo de tantas culturas. Sorte a nossa que temos Marie-Louise Von Franz, uma das principais e talvez a maior colaboradora de Jung

em vida. De acordo com Von Franz (1984, p. 81 - 82), além da imagem de desalento como um grande e disforme vazio - a escuridão indefinida como imagem da morte (tânatos) para os gregos como uma nuvem negra ou vermelho-púrpura, ou como uma neblina que escurece a vista, surpreendentemente a morte se relaciona ao começo da vida. É como se o útero e o túmulo (ambos confinamento temporário e escurecimento), a morte e o (re)nascimento estivessem interligados.

Mas essa não é sua única face. Para evitar uma digressão muito grande, vamos ficar com as imagens mais relevantes para este estudo. Von Franz (1984, p. 85 - 87) comenta que no culto egípcio dos mortos, por exemplo, a jornada dos bem-aventurados na barca do deus-sol começa com uma descida subterrânea. "e depois de várias áreas obstruídas atinge o Leste, onde o morto, juntamente com o deus-sol, volta à vida, rejuvenescido." Mais adiante, a autora (ibidem, p. 90 - 93) relata que em sua clínica em relação aos sonhos de seus pacientes, há a morte como um "outro" em seu aspecto sinistro para o sonhador em sua relação com a morte. Assim sendo, figuras religiosas e mitológicas que personificam a morte (diabo, Yama, Jesus, Hades, Hel, etc.) parecem ser um lado sombrio

da imagem divina.

Então confrontar a morte é confrontar um "eu maior", entrar em contato com um aspecto divino que se oculta na existência física do ser humano. Parece ser necessário enfrentar e integrar esse lado sombrio e ainda inacessível do inconsciente, inclusive com suas qualidades negativas, para chegar à realidade última da psique.

Jung, ao fazer referência a Enkidu, o oponente ctônico do herói sumeriano Gilgamesh, que surge no início da epopeia como inimigo mas, ao derrotar Gilgamesh, se torna amigo: "Psicologicamente, isso significa que no primeiro contato com o Self podem aparecer todas aquelas qualidades negativas que invariavelmente caracterizam um inesperado confronto com o inconsciente (JUNG, apud VON FRANZ, 1984, p. 91)

Muitos sistemas religiosos diferentes relatam que desse confronto pode nascer um ego mais integrado a partir do contato com a morte. Entre elas, temos o batismo cristão: "Morre o homem e nasce o homem sacralizado. Morte para o mundo, vida em Cristo" (NOVAES, 2011, p. 72) e a extrema-unção, no qual "evocam-se

situações do passado, tornando possível revivenciar questões (ligadas à culpa, por exemplo) e modificar a tonalidade da carga afetiva que permeia as lembranças. (NOVAES, 2011, p. 72 – 73).

Entre as religiões de matriz oriental, por exemplo, há o Taoísmo como uma representação do Self. Conforme Farrington (apud NOVAES, 2011, p. 73), o Tao é o princípio de todas as coisas e é geralmente traduzido como “o caminho”. Ele contém os princípios da vida e da morte numa unidade primordial não-dual, ou seja, sem opostos - um Todo harmonizado e integrado.

O relato acima, que a muitos pode parecer calmo e tranquilizador, até mesmo paradisíaco - afinal, quem nunca se sentiu cansado de estar sempre em algum conflito ou em uma “corda bamba” se equilibrando entre desejos e necessidades em nossas vidas? - pode ser também aterrorizante, uma vez que com a morte, também se vão as experiências e afetos tão caros à vida. “Além da cessação dos afetos, desejos e emoções, muito daquilo que chamamos “calor humano” também parece desaparecer (...) O que parece cessar através da purificação é, portanto, o ato de querer, de temer

e de desejar do ego.” (VON FRANZ, 1984, p. 133). A plenitude e o fim do sofrimento parecem um tesouro escondido, talvez o mais valioso, em nosso mais íntimo, mas, ao mesmo tempo, nos convoca a um caminho perigoso e solitário e nos leva a um estado quase inumano de ser. Não à toa resistimos tanto a essa jornada, por mais bem-vinda que pareça sua meta. Contudo, é de uma ironia quase divina, como veremos no mito de Sísifo, que esta mesma resistência à morte e tudo o que ela representa (aos gregos e a todos nós) seja o próprio decurso da vida.

Sísifo: o herói condenado à vida

A respeito desta grande ironia, o mitólogo Junito de Souza Brandão (1998, p. 226) fala do mito de Sísifo, herói grego que engana a morte duas vezes e, ao ser finalmente capturado por Tânatos, foi castigado pelos outros deuses com punição exemplar:

“Sísifo, o mais solerte e audacioso dos mortais, conseguiu por duas vezes livrar-se da Morte. Quando Zeus raptou Egina, filha do rio Asopo, foi visto por Sísifo, que, em troca de uma fonte concedida pelo deus-rio, contou-lhe que o raptor da filha fora Zeus. Este, imediatamente, enviou-lhe Tânatos, mas o astuto Sísifo enleou-o de tal maneira, que conseguiu encadeá-lo. Como não

morresse mais ninguém, e o rico e sombrio reino de Hades estivesse se empobrecendo, a uma queixa de Plutão, Zeus interveio e libertou Tânatos, cuja primeira vítima foi Sísifo. O astucioso rei de Corinto, no entanto, antes de morrer, pediu à mulher que não lhe prestasse as devidas honras fúnebres. Chegando ao Hades morresse mais ninguém, e o rico e sombrio reino de Hades estivesse se empobrecendo, a uma queixa de Plutão, Zeus interveio e libertou Tânatos, cuja primeira vítima foi Sísifo. O astucioso rei de Corinto, no entanto, antes de morrer, pediu à mulher que não lhe prestasse as sem o "revestimento" habitual, isto é, sem ser um éidolon, Plutão perguntou-lhe o motivo de tamanho sacrilégio. O solerte filho de Éolo mentirosamente culpou a esposa de impiedade e, à força de súplicas, conseguiu permissão para voltar rapidamente à terra, a fim de castigar severamente a companheira.

Uma vez em seu reino, o rei de Corinto não mais se preocupou em cumprir a palavra empenhada com Plutão e deixou-se ficar, vivendo até avançada idade. Um dia, porém, Tânatos veio buscá-lo em definitivo e os deuses o castigaram impiedosamente, condenando-o a rolar um bloco de pedra montanha acima. Mal chegado ao cume, o bloco rola montanha abaixo, puxado por seu

próprio peso. Sísifo recomeça a tarefa, que há de durar para sempre. (BRANDÃO, 1998, p. 226)"

Para interpretar o mito acima mais corretamente, vale dizer que Tânatos não significa "morte" no sentido orgânico mais comum. Segundo o autor (idem, p. 225), Tânatos, em grego Θάνατος (Thánatos), tem como raiz o indo-europeu dhuen, "dissipar-se, extinguir-se". O sentido de "morrer" foi dado provavelmente pelos gregos em suas tradições, mas sempre no sentido de ocultar-se, se tornando um corpo sem substância - uma sombra. "Thanatos raramente aparece personificado; quando isso ocorre, é como um homem alado, de barbas, sério, que carrega o moribundo nos braços de forma amistosa." (VON FRANZ, 1984, p. 81).

Assim como o mito de Sísifo, contos de fadas (que apesar de mais modernas que os mitos, carregam o sentido de "mitologizar" de forma menos marcada pela historicidade e geografia dos povos que as contavam) e contos populares "bebem da mesma fonte", isto é, estão inscritos no mitologema do herói astuto que busca a imortalidade, mas em vão. Temos o conto "Der Gevatter Tod" (A Madrinha Morte em português, e "Godfather Death" em inglês) dos Irmãos

Grimm (1812), que possui duas versões diferentes de final. Resumidamente, o conto narra que nem Deus nem o Diabo, mas a Morte (a mais justa entre eles, pois leva a todos) apadrinha o filho de uma família pobre e o dá fama e fortuna enquanto médico. Também lhe concede um talento especial: a capacidade de prever o tempo de vida de seus pacientes. Contudo, e a partir de seus próprios interesses, engana a madrinha e consegue dar mais tempo de vida àqueles a quem amava, como o rei e a princesa prometida.

Nas duas versões do conto, a morte se vinga no final: ou por revelar ao médico seu próprio tempo de vida (representado por uma vela já muito derretida e quase apagando), ou por não atender-lhe as súplicas de prorrogar sua vida acendendo mais uma vela - ao contrário, derrubando “sem querer” aquela que já estava no fim.

Tão fortes são suas imagens para a psique que o conto da Madrinha Morte foi parar nos contos populares brasileiros. Não tenho o tempo hábil de traçar os caminhos que levaram o conto até nossas terras, nem é o objetivo deste artigo, mas o escritor e pesquisador de contos populares Ricardo Azevedo traz na sua coletânea “Contos de Enganar a Morte (2003)”

a história do “Homem que enxergava a morte.” Nesta versão transcrita por Azevedo, temos todos os elementos do conto dos irmãos Grimm em uma linguagem irônica, poética e humorada como é da nossa tradição sertanista. Mas há uma diferença maior: nessa versão, em mais uma manobra de esperteza, o herói faz um último pedido: orar a Ave Maria até o fim antes de ser ceifado desta vida. A madrinha Morte concedeu seu desejo, então seu afilhado começou - e não terminou - a oração. Afinal, o combinado era ser levado ao fim da reza! Assim, além de salvar a vida dos amados, tentou salvar a própria vida até o fim. É claro que não ficaria por isso mesmo e, mais tarde, a Morte conseguiu enganar o seu enganador, o forçando a terminar a recitação.

As análises comparativas de todos estes elementos mereceriam um artigo específico, a começar pela simbologia da Morte como madrinha da Vida. Valeria também uma análise mais voltada ao motivo pelo qual, na versão em inglês, o termo é trocado por Padrinho, declarando a morte não como substituta da mãe, mas do pai. Entretanto, quero destacar para este estudo uma diferença crucial para os parágrafos seguintes: apesar de todas serem sobre heróis astutos em sua tentativa de burlar o fim da vida, somente Sísifo é castigado não com

algo pior do que o próprio desaparecimento: a Eternidade.

Sísifo em nós

Como todo mitologema, há várias ampliações não pretende ser a definitiva, nem a mais acertada. Contudo, é uma visão possível e, caso você tenha acompanhado atentamente, provavelmente já sabe onde esta conclusão pretende chegar. Se é que podemos falar em “chegar” quando interpretamos a desventura de nosso herói nos mitos e na alma.

A parábola do Sol como metáfora para o decurso da vida pode ser remetida à mesma parábola de Sísifo em sua tarefa eterna de rolar a pedra acima e abaixo da montanha. A pedra, neste caso, faz o papel do astro: nossa infância à idade adulta pode ser representada por Sísifo levando a pedra ao ponto mais alto da montanha com o maior dos esforços. A descida do sol ao poente, representando aqui o momento de declínio do ego em velhice e morte, nos remete a Sísifo que, ao descansar de sua tarefa, vê a pedra rolar para o ponto mais baixo, sem que possa impedi-la e destruindo o sentido de sua enorme dedicação.

Como já foi comentado, é interessante pensar que a tarefa de Sísifo, que tanto buscou escapar

da morte, nos trouxe este decurso da vida. Não somos todos assim? A vida se faz, talvez, ao não medir esforços para escapar de seu desaparecimento (cuja presença obscura espera cruzar nossos caminhos) sempre e de novo ao dar sentido, viço e importância àquilo que experimentamos e dedicamos à posteridade.

Mas lembremos que a tarefa de Sísifo era, de início, conseguir levar a pedra acima. Seria lícito dizer que, se estivéssemos em seu lugar, gostaríamos de manter a pedra no ponto mais alto e escapar de uma vez por todas da tarefa eterna. Chegando ao ponto mais alto de nossas vidas, poderíamos conquistar uma absolvição, descansar como heróis, governar nosso destino das alturas e seríamos libertos. Ah, se assim fosse! Então fazemos todo o possível para a pedra não deslizar e descer ao vale. Isso evitaria a frustração da perda, a medida de nossa impotência e a humilde servidão do ego de sempre recomeçar.

"Ficamos parados, por trás de nossos anos, agarrados à nossa infância, como se não pudéssemos arrancar-nos do chão. Paramos os ponteiros do relógio, e imaginamos que o tempo se deteve. Se alcançamos finalmente o cume, mesmo com algum atraso, psicologicamente sentamo-nos aí para descansar, e embora nos sintamos deslizar

montanha abaixo, agarramo-nos, ainda que somente com olhares nostálgicos, ao pico que outrora alcançamos; o medo que antigamente nos paralisava diante da vida, agora nos paralisa diante da morte. (JUNG, 2000, §799)"

A parábola da vida não é apenas sobre nosso tempo biológico, mas, enquanto imagem arquetípica de renascimento, sobre aquilo “em mim” que deve morrer para outro “eu” poder nascer. Nesse sentido, são verdadeiros “ritos de passagem” em que o ego pode se desenvolver no sentido de manter-se adaptado às novas exigências da vida. Segundo Novaes (2011, p. 71 – 72), o rito está no trabalho, no casamento, nas celebrações e em muitos outros acontecimentos do dia a dia, todos necessários para facilitar o desapego ao velho e preparar a boa-vinda do novo, permitindo assim a evolução e ampliação da consciência.

É um verdadeiro paradoxo que, nesta imagem de renascimento, a morte “apadrinhe” a vida e se torne não apenas seu fim, mas sua própria condição de se perpetuar. Entretanto, nosso ego não encara o trabalho de Sísifo de maneira tão grandiosa. Ao contrário, causa terror. Porque antes deste renascimento, o vale que simboliza a regressão do ego está repleto dos inconscien-

tes domínios do Self, seus conteúdos e suas sombras. O “outro” que é nosso inimigo e nós mesmos lá reside, assim como a ameaça da escuridão e do desaparecimento - duas imagens arquetípicas da morte que representam os perigos desse destino. “A luta do ego contra a regressão é representada arquetipicamente nos contos e mitos, por meio das batalhas de heróis contra dragões.” (NOVAES, 2011, p. 69). Essas duas tendências – regressiva e prospectiva, se podemos chamar assim – são contrapontos complementares. O confronto com nossa parte mais sombria, aquele “outro” que nos ameaça, pode nos levar também a uma redenção após o expurgo de nossas falhas egóicas. “parece que, diante da morte, “o implacável confronto com o Si-mesmo” força o homem a completar a parcela de sua individuação que ainda lhe é possível antes de morrer (...) (JAFFÉ in JAFFÉ et al, 1980, p. 17). Em outras passagens, a autora comenta sonhos tanatológicos em que somos julgados por um deus, ou figuras sombrias de nossa vida mostram nossas falhas e culpas, (talvez vindos da mesma origem de mitos de Juízo Final cristão e do Julgamento dos mortos egípcios) pedem para que nos responsabilizemos pelos nossos próprios atos em vez de projetá-los indefinidamente. Vamos, então, no sentido da integração dos opostos em

nós para uma existência mais “una”.

Quanto à segunda imagem arquetípica da morte, na preparação da morte orgânica ou de novas etapas em cada vida, parece haver uma tendência de “aparar arestas” para o encontro de um Todo que chama o ego para seus desígnios, integrando nossa pequena parcela de Eu a algo maior e indissociável no inconsciente. No entanto, esse processo não ocorre sem perdas e transformações, como relata o próprio Jung ao se deparar com os primeiros sinais do fim de sua vida:

“Eu sentia que tudo estava se desprendendo; tudo o que eu havia buscado, desejado ou pensado toda a fantasmagoria da existência terrena desabou ou foi arrancada de mim – um processo extremamente doloroso. Algo porém ficou; era como se agora eu carregasse comigo tudo o que eu já havia experimentado ou feito, tudo o que acontecera comigo. Eu poderia também dizer: isso tudo estava comigo, e eu era isso. Eu era constituído daquilo tudo, por assim dizer. Eu era feito de minha própria história e sabia com toda a certeza: é isso o que eu sou. “Eu sou esse feixe do que existiu e do que foi realizado”. (JUNG, apud VON FRANZ, 1984, p. 130)

É muito claro o quanto essa possibilidade é transformadora e ao mesmo tempo aterradora. Mesmo diante de um eu maior (Self) e total, para o qual nosso ego responde como sua parte menor e semelhante, há a temeridade do desaparecimento. E mesmo aí a morte tem seu papel na emancipação do indivíduo à vida. O ego busca proteger-se e ordenar-se perante a vida, deixando de lado o que é supérfluo psiquicamente para manter e segurar aquilo que é essencial. Conforme Becker (apud Kovacs, 2015, p. 25), nosso caráter é moldado de forma a nos protegermos contra o terror do fim inexorável e a grandeza da criação, que expõe a sua pequenez e fragilidade. É Sísifo unindo forças e levantando a pedra mais uma vez, testemunhando um novo nascer do Sol.

Subir e descer, nascer e morrer. Brilhar até o zênite em esplendor e glória, sucumbir sem antes lutar. Viver a cada segundo enquanto morre a cada segundo. Dar-se conta da responsabilidade que é estar vivo e prestar contas a si mesmo. Julgar-se como o pior dos algozes, perdoar-se em devoção. Recolher o que é seu, deixar o restante para a posteridade. Reagir aos desígnios de um inconsciente obscuro e massivo, poderoso e envolvente, para encontrar nele um Eu que é outro e ao mesmo

tempo “o mesmo”. Retornar às origens com a promessa de um dia voltar. Perder para ganhar, soltar para unir. Transformar-se no mesmo que deveria ser. E então subir. Para depois descer. Diante, durante e até o fim da vida, o trabalho de Sísifo é o mais difícil: viver.

*ARTIGO REVISADO POR TATIT BRANDÃO

REFERÊNCIAS:

MADRINHA MORTE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=A_Madrinha_Morte&oldid=43691600>.

Acesso em: 19 out. 2015.

AZEVEDO, Ricardo. O homem que enxergava a morte. In: Contos de enganar a morte. São Paulo: Editora Ática, 2003.

BRANDÃO. Junito de Souza. Mitologia grega. Volume 1. Petrópolis: Vozes, 1986.

JAFFÉ, Aniela. A visão de C. G. Jung sobre a morte. In: JAFFÉ, Aniela; FREY-ROHN, Liliane;

VON FRANZ, Marie-Louise. A morte à luz da psicologia. São Paulo: Cultrix, 1980.

JUNG, C. G. Natureza da psique – Vol. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. Memórias, Sonhos e Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

JUNG, C. G. (org). O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: HarpercollinsBrasil, 2016b.

KOVÁCS, Maria Julia (org.). Morte e Desenvolvimento Humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

VON FRANZ, Marie-Louise. Os Sonhos e a Morte – uma interpretação junguiana. São Paulo: Cultrix, 1984.

NOVAES, Camila Souza. O duplo aspecto da morte. In: JUNGUIANA: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Morte. vol 29/2. São Paulo: Sociedade, 2011. p. 68 - 77.

GRIMM, Jacob & Wilhelm. Godfather Death. In: Kinder-und Hausmärchen, 1812.

Disponível em <http://www.pitt.edu/~dash/grimm044.html>. Acesso em 20/01/2021.

SISÍFO: A PEDRA DE OPORTUNIDADES

POR ANGELA RIBEIRO

Quando pensamos na mitologia, facilmente somos remetidos à lembrança dos grandes deuses mitológicos, alguns muito conhecidos e atualmente retratados em clássicos de cinema, como Thor e Hércules.

Normalmente, são portadores de poderes especiais, fortes e poderosos. Possuem um ingrediente especialíssimo e que muito acomete o ser humano: a imortalidade.

Sísifo é um personagem da mitologia grega, porém, não é um deus. Foi considerado o homem mais astuto e inescrupuloso de todos os mortais.

Ele se recusou a encarar a morte e, por duas vezes e sem medir esforço, enganou o deus da morte, Hades.

No entanto, Sísifo não escapou ileso. Enganar os deuses lhe custou um castigo dos mais terríveis - Sísifo foi condenado a rolar uma pedra eternamente montanha acima. Assim, quando ele chegava no topo da montanha a pedra rolava morro abaixo, e Sísifo começa novamente a rolar, fazendo isto pela eternidade.

Um olhar de 360 graus, atento, permite observamos facilmente que vivemos em uma sociedade repleta de “Sísifos”. Percebemos vários comportamentos de pessoas que não conversam com a morte.

Somos uma sociedade que não quer morrer. Tentamos usar cremes antienvelhecimentos, cirurgias plásticas para reverter os sinais da idade, e diversos outros “entulhos” de coisas que prometem prolongar a juventude.

Almejamos a imortalidade dos deuses e, por vezes, nesta busca muitos ficam perdidos - caminham, mas no caminho dos apegos e não do sentido de vida.

“Ele está arrebatado pela ideia de, uma vez na vida, poder alcançar algo extremamente grandioso - levar realmente a pedra até o cume. E, por não poder falar nada, o fardo do trabalho torna-se cada vez mais pesado, e ele se sente cada vez mais distante do apogeu”. (KAST, 2017).

Buscando pelo apogeu, nos distanciamos de nós. Passamos a vida conquistando, pois avaliamos o sucesso humano hoje mirando as conquistas aparentes do homem, seus bens materiais, seus feitos e realizações, mas não avaliamos se tudo isso faz sentido, e se dá a essa pessoa a satisfação de viver.

Na busca pelo poder dos “deuses” nos perdemos de nós. É aqui que muitas vezes o inconsciente se manifesta, o inconsciente dá sinais de que precisamos nos aproximar do Self, que é a parte da psique que compreende nossa missão de vida.

Quando não estamos atentos às comunicações inconscientes e nada fazemos para compreen-

dê-las, ele busca maneiras de ser escutado, e uma de suas formas de manifestação pode ser o sintoma.

Ora, pensar que o inconsciente produz em nós um sintoma dá a sensação de que estamos sendo castigados. Por que tenho que adoecer? Hilman descreve: “enquanto a alma não obtiver o que quer, precisará adoecer, a doença não é a condição da qual o paciente precisa ser salvo, mas a condição necessária para a salvação” (Hilman, 2011).

Impressionante o crescimento de pessoas na sociedade atual que vivenciam sintomas de pânico e ansiedade. Essas pessoas, em sua maioria, relatam sintomas de medo, medo e medo!

Uns dos medos frequentemente relatados é o medo da morte. A exemplo do nosso personagem, Sísifo, fogem da morte de qualquer maneira, são invadidas por pensamentos constantes de que alguma grande catástrofe vai acontecer e elas serão alcançadas.

Narram detalhadamente seus sintomas, ariscos, esperando a próxima crise. Contam como tudo acontece: são invadidos por pensamentos ca-

tastróficos, o corpo vai dando sinais, a respiração fica difícil, o ar parece querer faltar, o coração acelera, o estômago aperta. Vivem atentas a qualquer sinal de perigo.

Acabam por se isolarem de tudo, deixam de fazer atividades cotidianas por medo da próxima crise. Tentam controlar, mas quem está no controle é o inconsciente. Bate insistentemente à porta do ego, a fim de que seja ouvido.

Presos aos sintomas, rolam a pedra como Sísifo - carregam ladeira acima os sintomas, diariamente, de forma incessante, até que compreendam o caminho da alma como aquilo que “anima”, dá folego e sentido à vida.

Kast descreve: “o mito de Sísifo, porém, não é o mito de homem fugindo; é o mito de um homem que resiste, dando tudo de si”. (KAST, 2017). Os sintomas são, como relata Hilman (2011), a oportunidade para que o indivíduo pare de fugir, pois o que se observa muitas vezes é que a pessoa foge de dores muito mais profundas.

Quando olhamos para além dos sintomas, vemos que as pessoas fogem do sentimento de

rejeição, de desamparo, de falta de amor, de solidão. Sempre haverá uma emoção da qual se quer fugir.

Conforme Kast, “não conseguem abandonar as circunstâncias de sua vida e partir para a mudança, a não ser que entrem em uma crise fundamental” (KAST, 2017).

O adoecer, por vezes, é a crise fundamental que leva o indivíduo ao enfretamento e, por fim, à possibilidade de desapego e transformação. A morte psicológica pode acontecer, diariamente, quando praticamos os desapegos emocionais.

Não passamos pela vida sem carregar pedras como Sísifo, mas carregar a pedra não precisa ser somente um fardo, é preciso olhar para a pedra como a oportunidade de transformação. Assim, poderemos encontrar satisfação, pois iremos compreender o que carregar a pedra nos acrescenta.

Finalizo citando aqui a poesia do dramaturgo e poeta Antonio Carlos Vieira, que de forma belíssima mostra como o olhar muda nossa postura frente às vicissitudes da vida.

*“A pedra, o distraído nela tropeçou...
O bruto a usou como projétil.
O empreendedor, usando-a, construiu.
O camponês, cansado da lida, dela fez assento.
Para meninos, foi brinquedo.
Drumont a poetizou.
Já Davi matou Golias, e Michelangelo extraiu a mais
bela escultura.
Em todos esses casos, a diferença não esteve na
pedra, mas no homem.*

REFERÊNCIAS:

HILMAN, James. Suicídio e Alma. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

KAST, Verena. Sísifo: vida, morte e renascimento através do arquétipo da repetição infinita. São Paulo: Cultrix, 2017.

BIBLIOTECA DE THOTH

Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!



COLEÇÃO: A DEUSA BRANCA

AUTOR: ROBERT GRAVES

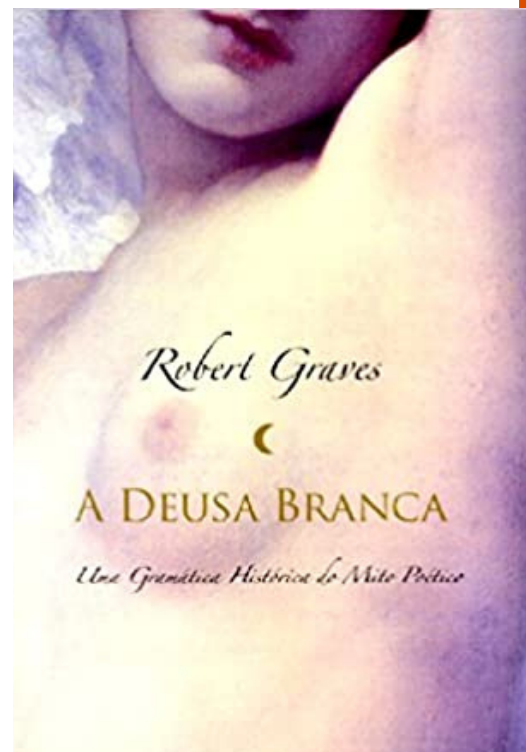
por: Larissa Dias

A primeira indicação dessa edição, é o livro "A Deusa Branca - uma gramática histórica do mito poético", publicado pela primeira vez em 1948 e quando adquiri esse livro não poderia imaginar que estava com a arca dos tesouros nas mãos!

O livro traz uma intensa análise de poemas míticos que abordam a cultura celta de uma forma robusta!

No capítulo 2 o autor traz o poema "A Batalha das Árvores", com o significado simbólico das árvores sagradas da cultura celta, que eram usadas para fins de magia, fins divinatórios, além de também ser um alfabeto.

No capítulo "Enigma de Gwion", o autor explora uma das mais belas poesias míticas já escritas: A Canção de Taliesin, que era um bardo que também tinha origens divinas como Gwion. O belo poema é analisado estrofe a estrofe pelo sagaz Robert Graves, que levanta uma série de questões interessantes que aparecem nos



dizeres de Taliesin. Nestas questões, diversas origens mitológicas de costumes posteriormente cristãos, são apontadas e trazidas à luz. Os capítulos sobre "A Deusa Branca" e "A Tríplice Musa" são um deleite à parte para os apaixonados pela mitologia celta.

Robert Graves era poeta e escritor de romances, o que o leva a essa paixão desmedida pela linguagem do mito poético, que se apresenta em 569 páginas de puro êxtase literário.



LIVRO: AS FACES ESCURAS DA GRANDE MÃE

AUTOR: MIRELLA FAUR

por: Larissa Dias

A segunda indicação desse número é o livro "As Faces Escuras da Grande Mãe" de Mirella Faur.

Mirella é uma autora romena da Transilvânia, naturalizada brasileira, que formou grupos de mulheres por muitos anos em Brasília, onde residiu por mais de vinte anos. Pesquisadora da tradição da deusa, nos traz nestas páginas as deusas escuras de uma forma muito completa e especial.

O livro inicia falando sobre o culto da deusa escura e a representação simbólica da morte e a sombra, que atua como elemento do inconsciente. Também traz um capítulo sobre a Lua Negra, abordando os ciclos lunares e como ele influencia a vida humana, além de trazer um capítulo sobre a astrologia e a deusa Lilith.

O livro aborda 46 deusas escuras, de diversas mitologias do mundo todo. Em cada capítulo também há exemplos de rituais de conexão com essas divindades que existem dentro de nós como aspectos



sombrios e de morte.

O que é muito interessante observar é que muitas destas divindades não tem apenas o lado "escuro", mas transitam entre este e o lado "claro". Ou seja, uma mesma deusa da morte pode trazer a representação de vida nova em um processo de transformação eterna.

Por fim, que a jornada pelas 664 páginas de conhecimento se inicie! Boa viagem pelo reino da deusas escuras!

VITROLA DE ORFEU

Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!



ARTISTA: Arandu Arakuaa

CD: Mrã Waze

por: Zândhio Huku e Larissa Dias

Arandu Arakuaa (saber dos ciclos dos céus, ou sabedoria do cosmos, em Tupi-Guarani), teve início em abril de 2008, por Zândhio Huku. A banda atualmente é composta por Zândhio Huku (Guitarra / Vocais / Viola Caipira / Instrumentos Indígenas), Andressa Barbosa (Baixo/Vocais), Guilherme Cezario (Guitarra/Vocais), João Mancha (Bateria / Percussão).

A musicalidade da banda mescla heavy metal com a música indígena e regional brasileira, com letras nos idiomas indígenas Tupi, Xerente e Xavante, inspiradas nas cosmologias, sabedorias e lutas dos Povos Indígenas do Brasil. Dessa maneira, busca contribuir para a divulgação e valorização de suas manifestações culturais, subes-timadas durante os séculos.

O uso da viola caipira realça ainda mais a brasilidade na sonoridade do Arandu Arakuaa. Zândhio usa uma Guitarra Viola, instrumento idealizado pelo próprio músico.

Em agosto de 2011, a banda fez o seu primeiro show, e desde então divulga o seu trabalho com um repertório 100% autoral. Conta com um EP "Arandu Arakuaa – 2012" e três álbuns "Kó Yby Oré – 2013, "Wdê Nnãkrda – 2015" e "Mrã Waze – 2018" e os singles "Waptokwa Zawré, "Karubêûasu", "Ybytu", "Am'mrã" e "Kûarasy", em 2020. Conta também com dez videocliques e dois lyric videos. Já se apresentou em festivais como River Rock (SC), BMU (SP), Agosto



VITROLA DE ORFEU



de Rock (TO), Femme Festival (GO), FerroRock (DF), Porão do Rock (DF), THORHAMMERFEST(SP) e no evento Fórum Mundial de Direitos Humanos.

Foi citada como exemplo de resistência em ecologia, em tese de doutorado em educação da UNICAMP. Também participou de cena para uma série sobre o lendário Zé do Caixão, interpretado pelo ator Matheus Nachtergaele, e transmitida pelo canal de Tv Space, além de matérias em mídias de grande circulação, como BBC Brasil, Uol, G1, Terra, O Globo, Correio do Povo, e no jornal britânico The Guardian, dentre outros.

A Arandu Arakuaa consegue nos trazer muito do que representa a cultura dos nossos povos ancestrais. Isso pode ser visto claramente no álbum “Mrã Waze”, por meio da tradução das letras de suas músicas no encarte, além de também trazer clipes com legenda em português, disponíveis na plataforma do Youtube. E, falando do álbum “Mrã Waze”, de 2018,

a música de abertura, “Sy-Gûasu”, que é cantada no idioma Tupi, faz uma homenagem belíssima à Mãe Terra. Muitas mitologias têm adoração à essa divindade que nos acolhe e abriga, e a letra dessa música apresenta de forma bela e nacional essa adoração:

“Hey yby sy!

*Yby sy, yby sy, y-eté, yby sy, yby sy, ka, a-ete
Sy-gûasu, sy-gûasu, aîkuab...”*

“Hey, Mãe Terra!

*Mãe Terra, água doce, mãe terra, mata verde,
Grande Mãe, agradeço-te”*

Já a canção do mesmo disco, “Huku Hêmbra”, cantada no idioma Xerente, traz a imagem do espírito da onça, representação de força e poder na mitologia brasileira, assim como também em outras mitologias animais semelhantes têm essas características, como o tigre, nas mitologias chinesa e eslava, da região da Sibéria.

Inclusive, a grafia usada para chamar os tigres como espíritos da natureza, chama-

VITROLA DE ORFEU



dos de “grande rei” ou “grande soberano” na cultura asiática (Amba), é muito semelhante à grafia de espírito da natureza, representado pela onça, em xerente, sendo Huku (onça) e Hêmba (espírito).

A letra abaixo mostra um pouco do que a canção representa:

*“Aiwi huku kuke, aiwi, watô aikra
Huku hêmba! Huku Hêmba! Aiwi ~i-zêparwa
Huku! Huku! Huku kuke!
Huku” Huku! Huku hêmba! Huku...”*

*“Vem, onça pintada, vem, sou seu filho
Espírito da onça! Vem minha mãe
Onça! Onça pintada!
Onça! Espírito da onça! Onça...”*

A faixa “Jurupari”, cantada em tupi, traz essa divindade, representante do mal para os povos Tupi, língua na qual a música é cantada. Em cada estrofe temos a sensação de uma grande intensidade, como se o mal estivesse o tempo todo à espreita, o que é possível ser percebido também na letra:

*“Pytũkiririneme, kûarasy reiké riré
Pytunetá pukuî
Py´atytyk-eté, pytunetá pukuî
Xe poryryî, oîepêbê xe poreauêsubeté
Tekoabaiba nhê!”*

*“No silêncio da noite, depois do pôr do sol
Durante muitas noites
Coração bate muito, durante muitas noites
Minhas mãos tremem, sozinho sofro muito
É uma estranha situação!”*

E é com músicas intensas, cujos instrumentos parecem tocar diretamente na nossa alma, na alma brasileira, que a Arandu Arakuaa apresenta o heavy metal de uma forma original e incrível! Em muitas músicas a clássica voz forte e rasgada do metal vem suavemente delineada com a voz doce dos vocais femininos, que conferem ainda mais magia à música.

Essa mescla pode facilmente fazer lembrar das forças da natureza, que ora mostram seu lado acolhedor, que dá alento e calma, ora mostram seu lado devastador, que em sua fúria é capaz de destruir.

VITROLA DE ORFEU



Outro elemento interessante são os cliques da banda, gravados nas florestas, que realçam essa proximidade com as forças da natureza, que muitos de nós atualmente perdeu. Em todas as mitologias do mundo, os deuses da natureza têm imensa representatividade, aparecendo como Zeus (deus do trovão), Selene (deusa lua) ou Hélio (deus sol) na mitologia grega, Ganga (deusa do rio) na mitologia hindu, Nut (deusa da noite) e Geb (deus da terra) na mitologia egípcia, Oxumaré (deus do arco-íris) e Yemanjá (a mãe do mar) na mitologia africana. Na mitologia brasileira não seria diferente, começando por Tupã, o poderoso deus trovão, passando por Jaci (Íasy), a linda deusa lua, Guaraci, o deus sol, entre muitos outros.

Que Anhum, o deus da música na mitologia tupi-guarani, traga vida longa à bandas como a Arandu Arakuaa!

Redes Sociais:

Youtube: [youtube.com/aranduarakuaa](https://www.youtube.com/aranduarakuaa)

Facebook:

<https://www.facebook.com/aranduarakuaa>

Instagram:

<https://instagram.com/aranduarakuaa>

E-mail: aranduarakuaa@gmail.com

Tel: +55 (61) 99699-7892

VITROLA DE ORFEU



ARTISTA: Vocifer

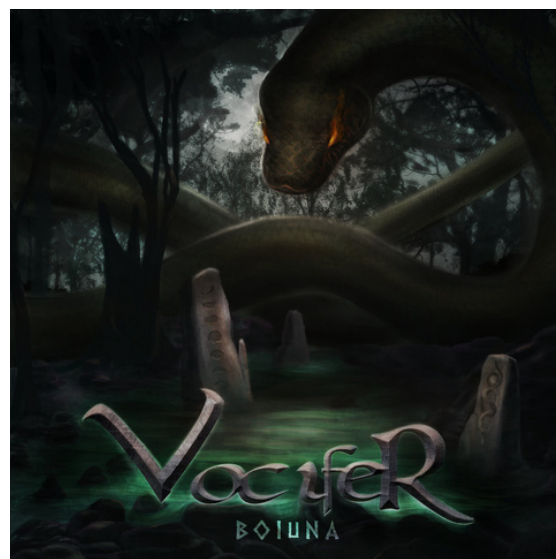
CD:Boiuna (A Mitologia Brasileira no Heavy Metal)

por: Luis F. Ribeiro (Hell Yeah)

Uma das grandes virtudes do Heavy Metal desde a sua concepção é sua capacidade de narrar histórias e de moldar sua sonoridade para que aquele tema seja correspondido musicalmente. A partir disso, observou-se uma divisão do gênero principal em inúmeras vertentes, cada qual com uma sonoridade única e uma temática que geralmente é a mais comum de se observar naquela ramificação específica. Surgiram assim o Folk, o Viking, o Power e tantos outros subgêneros do Metal. Em suas vertentes mais históricas, as composições quase sempre vem acompanhadas de arranjos épicos e propósitos grandiosos, que alimentam a imaginação daqueles que se deixam conduzir pelas histórias, mitos e lendas comumente presentes nas letras dessas bandas.

Algo, no entanto, que não é comum de se observar, são bandas de Metal brasileiras que exaltem a tão rica cultura de nosso próprio país, mesmo que dois dos maiores discos do Heavy Metal nacional tenham ganhado o mundo justamente ao promo-

ver o Brasil e sua musicalidade única. Estou falando dos clássicos "Holy Land" do Angra e "Roots" do Sepultura, do já longínquo ano de 1996, e que mesmo em lados tão opostos de um mesmo gênero musical, conseguiram enaltecer a cultura do nosso povo através de sua arte. De 1996 para cá, o Heavy Metal passou por ciclos bastante distintos, cheios de altos e baixos, onde algumas outras excelentes bandas surgiram com essa mesma proposta, mas sem conseguir obter o mesmo resultado e alcance das obras pioneiras deste formato.



VITROLA DE ORFEU



No entanto, em 2020, no Norte do país, mais especificamente no estado do Tocantins, surgiu uma banda que vem se destacando não somente no Brasil como em todo o mundo, ao carregar a bandeira da música brasileira através de suas letras e canções que abordam especialmente lendas e mitos amazônicos, bem como ressaltam a importância da preservação da cultura deste povo e da própria Floresta Amazônica, que vem sendo tão maltratada ano após ano. Estamos falando da Vocifer, uma banda que nasceu em 2014, mas que somente em 2020 lançou seu disco de estreia, que aos poucos vem conquistando inúmeros seguidores apaixonados mundo afora. Formada por João Noletto no vocal, Lucas Lago no baixo, Pedro Scheid e Gustavo Oliveira nas guitarras e Raphael Carvalho na bateria, a paixão da Vocifer pela cultura do seu povo se faz escancarada desde a capa ao título do primeiro disco, dos temas épicos às letras carregadas dos mitos criados pelos povos indígenas e ribeirinhos que habitam esta região tão singular do nosso vasto país. “Boiuna”, o disco de estreia da Vocifer, é

um álbum conceitual que aborda especialmente o mito da senhora-das-águas, a cobra Boiúna, além de tantas outras belíssimas passagens do folclore amazônico.

Boiúna é uma cobra colossal que mora no fundo dos rios, lagos e igarapés da Amazônia, num lugar conhecido como Boiaçuquara ou “Morada da Cobra Grande”. Seu corpo é de um brilho tão intenso que é capaz de refletir o luar, seus olhos emanam uma luz poderosíssima a qual atrai os pescadores que se aproximam e que acabam tornando-se alimento da cobra. Seu corpo é tão imenso que abre sulcos gigantescos quando ela passa pela terra e tomba grandes embarcações com a ondulação dos rios quando ela atravessa suas águas. Boiuna faz parte do ciclo mítico de “como surgiu a noite”, segundo o qual a Cobra Grande casa sua filha e lhe envia a noite presa no interior de um caroço de tucumã, mas os portadores do caroço, curiosos, abrem-no, libertam a noite e por isso são severamente punidos.

VITROLA DE ORFEU



Uma outra passagem conta que, em certa tribo indígena amazônica, uma índia grávida da Boiúna, deu à luz duas crianças-cobras gêmeas: um menino e uma menina. Para se livrar dos filhos que a mãe acreditava serem amaldiçoados, jogou-os no rio, onde tornaram-se cobras gigantescas. O menino era completamente indefeso, porém, sua irmã era absolutamente perversa e causava sérios prejuízos aos outros animais e às pessoas. Tantas foram as maldades praticadas pela menina, que seu irmão acabou por matá-la.

Em algumas noites de luar o menino perdia seu encanto e adquiria forma humana, transformando-se num belo e elegante rapaz, saindo das águas para levar uma vida normal na terra. Para que o seu encanto se quebrasse definitivamente, era preciso que alguém tivesse muita coragem para derramar leite em sua boca quando estivesse transformado em cobra e fizesse-lhe um ferimento na cabeça até sangrar, mas ninguém tinha coragem de enfrentar o enorme monstro. Até que um dia um soldado de Cametá (Município do

Pará), conseguiu libertar o menino do terrível encanto, fazendo com que deixasse de ser cobra d'água e pudesse tornar a viver na terra com sua família.

Agora que você já conhece o mito da senhora-das-águas, te convido a partir daqui para junto conosco ouvir cada uma das canções de "Boiuna", da Vocifer, compreender as nuances das composições e entender o tema abordado em cada uma das letras. O álbum da banda está disponível nas principais plataformas de Streaming. Vamos juntos?

O disco abre com a épica "Release the Night", que tem sua composição construída lentamente à medida que somos introduzidos ao mito do surgimento da noite a partir do rompimento do caroço de tucumã, que deveria ser entregue de presente para a filha de Boiúna em seu casamento. Com a libertação da noite, a filha de Boiúna dividiu-se em duas, formando o que seriam o dia e a noite, transformando seu noivo na estrela da manhã, que anuncia a chegada da manhã e impedindo que as trevas predominassem.

VITROLA DE ORFEU



Apesar de promover a história do folclore brasileiro, não foi preciso buscar na música folk elementos para criar a identidade da banda. A sonoridade épica e a técnica dos músicos criam um ambiente dramático o suficiente para dar suporte a profundidade das letras, conduzindo a canção de maneira tensa até o refrão ao mesmo tempo estrondoso e enérgico, mas denso e sombrio como a escuridão dos céus que se fecham cantada no verso.

“Mas a curiosidade cobriu suas mentes. Os sons da noite os atraíam para descobrir o que havia dentro. Eles acabaram libertando a noite e a escuridão tomou conta dos céus, então ela teve que fazer um sacrifício.”
Release the Night, Vocifer.

A poderosa “Lady Moon” é carregada de uma tensão iminente, transmitindo a necessidade de esperança de um povo temeroso com as trevas de uma noite tão escura. “Lady Moon” era uma índia de pele muito clara e a única pessoa a ter coragem de caminhar durante a noite de um breu absoluto, o que despertou a inveja de uma outra índia muito maligna, que amaldiçoou

uma serpente e mandou-a morder o pé da protagonista da história, que conseguiu sobreviver, mas desgostosa com a maldade das pessoas, implorou que as criaturas da noite a levassem para o céu, o que eles prontamente fizeram, tornando-a a lua e suas lágrimas as estrelas, inundando de luz e esperança a densidade da escuridão criada pela letra e pelo clima funesto das partes mais sombrias da canção.

“Criaturas da noite me levem para longe daqui, onde o mal não pode me afetar. Me leve para as nuvens, onde minhas lágrimas vão brilhar, iluminar o céu e clarear a noite”.
Lady Moon, Vocifer.

A requintada “The Curse of River’s Lord” é dividida em duas partes, apresentando uma interpretação mais autoral da banda acerca dos acontecimentos relatados em suas letras, retratando o sumiço de uma indiazinha, que sua tribo atribui a maldição proferida por Boiuna, que prometeu a cada cem anos tomar a primogênita daquela linhagem e desposá-la como uma espécie vingança pela sua primeira esposa que fora assassinada durante uma batalha com

VITROLA DE ORFEU



aquela mesma tribo muitos anos antes. A infinitude do final da música em fade out nos leva a acreditar que a maldição do senhor do rio jamais irá acabar, mergulhando-a na quietude até se inundar dela.

“Cem anos se passaram desde a última vez. Aqui vem ela novamente. O xamã alertou a tribo. Deixe ela saber que é hora de ir. Mais uma vez você verá os olhos dele. Todas as suas memórias surgirão. Querida, você não precisa chorar. Diga adeus” The Curse of River’s Lord, Vocifer.

A implacável “Primal Clash” é a canção mais completa e, conseqüentemente, a mais longa e complexa do álbum. A letra também é a mais longa e de um caráter tão narrativo que o refrão quase passa despercebido em meio às estrofes. A música tem dois momentos bem distintos, um extremamente pesado, onde os riffs encorpados e as intervenções melódicas de Pedro Scheid que lhe conferem a urgência e a ferocidade das forças irmãs e primitivas que se chocam à beira do rio. O segundo momento inicia com um solo car-

regado de mistério e misticismo, seguido de um mergulho na profundidade criativa da banda, em um trecho absolutamente sutil conduzido pela sempre deleitável interpretação de João Noletto, com suas palavras aveludadas, ao falar de um amor que preenche um coração vazio e de uma alma mais brilhante que ouro, fadada a pagar pelos pecados de um irmão gêmeo maligno. A letra aborda o já citado mito dos filhos gerados a partir de Boiúna e a batalha entre o bem e o mal, onde ambos os irmãos lutam sabendo que são partes de uma mesma maldição.

“Forças primitivas se chocam à beira do rio. Duas forças primitivas não se importam com quem morrerá. A visão do futuro era precisa quando dizia que são lados diferentes de uma mesma face terrível” Primal Clash, Vocifer.

O conceito do disco, se mal aproveitado, poderia se torná-lo burocrático e enfadonho, mas o caráter metafórico e interpretativo, além da qualidade das letras faz com que, apesar de uma única história estar sendo contada do início ao fim, as

VITROLA DE ORFEU



músicas também funcionem muito bem individualmente. A segunda metade do disco começa com “Up On The Hills”, que fala do Carnaval de Taquaruçu, onde ocorre a queima dos tambores. A cidade de Taquaruçu fica na serra, onde ocorre a caçada da Boiúna e a queima dos tambores para limpar os pecados, tradição atribuída originalmente às tribos indígenas que mantêm vivo o mito de Boiuna.

“Acima das colinas eu sinto o fogo queimando dentro do meu coração. Transforme a dor em cinzas. Acima das colinas minha alma ansiava. Eu senti por dentro. Isso queima meus pecados”. Up on the Hills, Vocifer.

“Lord Of The Rain” aborda dois mitos sobre um mesmo tema. O primeiro fala de uma tribo que só se alimentava a partir das criaturas que viviam no rio, pois não existia vegetação em suas terras. Porém, um dia essas criaturas foram embora para o céu (Referência a letra de “Lady Moon”) e a tribo ficou completamente sem alimento. Comovidos com a situação daquelas pessoas, as criaturas choraram dos céus, o

que se transformou em chuva e deu nova vida àquela terra, criando alimento para o povo que morria de fome. O segundo dos mitos conta sobre o Senhor da Chuva que via seu povo morrer de fome devido à seca e subiu a mais alta montanha para enfrentar os deuses pedindo por chuva. Seus brados eram como trovões e sua lança cortava o céu, fazendo com que a chuva viesse e salvasse sua tribo.

“Um homem com arco e flecha procurou respostas no céu. Humilhado, ele foi alto, subiu montanhas ao céu, trovões saíram de seu rugido. Senhor do trovão. Lágrimas sentidas na terra, fazendo pedras se transformarem em areia. A raça humana pode renascer mais uma vez, graças ao senhor da chuva”. Lord of the Rain, Vocifer.

“War Of Vendetta” fala sobre antropofagia e às guerras entre tribos, especialmente os Tupinambás, onde os vencedores comiam os corpos dos perdedores acreditando que dessa maneira absorveriam as suas virtudes.

“Espíritos antigos surgiram depois que o san-

VITROLA DE ORFEU



gue tomou o horizonte. Vamos provar sua carne mais uma vez. Suas almas serão drenadas.” War of Vendetta, Vocifer.

“Hummingbird” carrega todos os elementos que formaram os alicerces desse belíssimo disco. Essa é uma faixa “do time”, onde todos jogam pelo coletivo mais do que nunca, entregando o nível mais elevado que possuem como músicos, fazendo dessa a música mais elaborada tecnicamente e a composição mais primorosa do álbum. A letra de “Hummingbird”, talvez por ser a música de trabalho do disco, pode ser interpretada de maneira mais isolada do restante do disco, guiada de maneira belíssima e poética pelas asas de um raro colibri de asas flamejantes por noites primaveris, que simboliza o cruzeiro do sul, tomado como referência por muitas tribos indígenas que guiavam-se através dele na escuridão da noite.

“Mostre-me o caminho onde eu deveria ir com sua luz interminável, colibri” Hummingbird, Vocifer.

A derradeira “Used To Be” encerra a audição com uma letra que foge a temática do álbum, não abordando nenhum tema mitológico da cultura brasileira, mas que através da brasilidade de sua composição encerra o álbum com maestria, criando enormes expectativas pelo legado que a carreira da Vocifer deixará para o Metal nacional e em como essa mensagem fundamental será levada à outras nações.

Boiuna é um disco carregado de emoção e bom gosto, onde a cada nova audição, novas nuances e novos elementos podem ser observados, mas ainda assim, se faz completamente acessível, não se fazendo obra de exclusividade para intelectuais, mas para todos àqueles que garimpam boas histórias nos tesouros escondidos da cultura brasileira.

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias, e aqui, estarão essas histórias que fazem parte da mitologia familiar brasileira

HISTÓRIA: A PISDEIRA

CONTADOR: LUIZ JÚNIOR

O Sudeste do nosso Brasil é especialmente rico em contos folclóricos. Na edição passada falamos do Corpo Seco – uma entidade vampiresca que ataca os incautos no interior paulista. Agora, vamos falar da Pisadeira.

A Pisadeira é uma bruxa horrenda, que sobe no peito das pessoas enquanto elas estão dormindo, as deixando sufocadas e paralisadas. Conta a lenda que, antes deste ato, ela arranha os telhados para apavorar a pessoa – principalmente aquela que comeu demais.

É descrita como uma velha muito feia e magra, com pelos enormes saindo de um nariz adunco como o de um abutre. Os olhos são vermelhos, malignos e arregalados. Mas o que mais chama a atenção são as mãos – secas e com dedos finos como gravetos, com unhas compridas que ela muitas vezes usa para arranhar a pele de quem está sendo atacado.

Verdade ou não, há relatos de pessoas que, após um evento de paralisia do sono, ficaram com a pele marcada com feios arranhões vermelho-sangue.



A Pisadeira é o nome de um dos 11 contos do meu livro *Corpo-Seco e Outras Histórias*, conto que ganhou o prêmio internacional Alpas-21, em 2019.

Se interessou? Mande um e-mail para escritorluizjunior@gmail.com. com e eu te enviarei este conto para você!

Fonte: Corpo Seco e Outras Histórias, de Luiz Junior.

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

OBRA: Série de filmes Mythica: Busca por Heróis / O Darkspore / O Necromancer / A Coroa de Ferro / A Batalha dos Deuses

AUTORES: A. Todd Smith, John Lyde, Anne K. Black

por: Raíssa Queiroz

Esta resenha traz alguns símbolos que aparecem nos cinco filmes de Mythica:

- Mythica 1: Busca Por Heróis
- Mythica 2: O Darkspore
- Mythica 3: O Necromancer
- Mythica 4: A Coroa de Ferro
- Mythica 5: Batalha dos Deuses

Mythica é uma produção da SyFy e Asylum, esta menos conhecida no ramo cinematográfico. Trata-se de uma saga de cinco filmes que contam uma história de fantasia que acompanha a vida da jovem “maga” que ainda está aprendendo a lidar com seus dons, chamada Marek (Melanie Stone). Ela é uma escrava fugitiva e, junto aos seus companheiros “improvisados”, ajudam uma linda sacerdotisa em uma aventura de resgate e que atuam inclusive no combate a criaturas malignas e um mago das trevas.

O filme traz uma jornada do herói, neste caso heroína, e desenrola toda trajetória

dos heróis, que começa em uma taberna. A cinematografia não é muito boa, pois parte da produção traz um visual de cinema caseiro. Entretanto, se ficarmos atentos, perceberemos detalhes de uma riqueza de informações de um “mix-mitológico” por trás de certos personagens, criaturas e símbolos durante toda a obra.

Um dos vilões é um mago ligado à necromancia, querendo o coração do lich King para comandar personagens “mortos vivos”, trazendo-os de volta para o mundo. Sua pretensão é tornar-se uma divindade, tendo o poder de decidir quem vive ou morre, ou simplesmente matar a todos, causando caos e desequilíbrio, para começar o mundo novamente. Sua ambição, inclusive, é de matar os deuses. Sua simbologia está ligada à mitologia da Grécia Antiga ou Eslava, como no mito de Koschei, o imortal, o ser maligno. O próprio nome lich King significa cadáver em alemão. Ele foi um grande mago que usou magia negra e necromancia, além de sacri-



fícios, para separar sua alma do corpo e assim poder ter uma vida pós sua existência mortal.

O objeto que é usado como receptáculo para separar a alma do mago de seu corpo é sua maior força, porém, também é sua única fraqueza. Pode ser chamado fetiche ou ter outro nome. Esse recipiente pode acumular tanta energia porque nele há vidas absorvidas ou resquícios mágicos, e mesmo depois destruído pode ser reconstruído ou reutilizado, se os pedaços não forem bem guardados... Esse personagem tem uma aparência esquelética, às vezes usando uma coroa, além de ser um grande sábio, estratégico, porém inclinado ao lado escuro. Usa um cajado como condutor dessa magia, simbolizando a sabedoria.

Outro personagem intrigante é a deusa chamada Ana-Sett ou Anisette. Embora não tenha encontrado nada sobre uma divindade existente com esse nome, concluí que é provavelmente uma deusa inventada para a história, com base em outra deusa relacionada, que usa o símbolo da coruja, possui dons de cura, visões, e é tão poderosa, que é capaz de trazer alguém

de volta à vida. Enquanto houver adoradores de sua religião, ela permanecerá poderosa. Caso ela perca seguidores, se tornará fraca e possivelmente deixará de existir. Sua Imortalidade depende da fé de seus adoradores, dentre eles, a sacerdotisa da história, Teela.

A coruja é um símbolo encontrado várias mitologias, como asteca, celta, xamânica e grega. Seus significados podem ser sabedoria, inteligência, misticismo, bom augúrio, guia e visão do oculto. Por outro lado, essa ave de rapina noturna pode simbolizar também azar, morte, trevas e bruxaria. Agora vamos trazer um pouco da cultura nórdica que aparece no filme:

A Coroa de Ferro, que é ligada ao rei dos anões, provavelmente é inspirada na Coroa de Ferro de Morgoth, da saga "Senhor dos Anéis". No caso da coroa do filme Mythica, ela ainda tem símbolos rúnicos gravados. Dizem que as runas podem ter sido criadas pelo deus Odin, porém podem ter sido um presente, uma vez que a Deusa Freya ensinou a Odin como usá-las. As runas também são um alfabeto usado para escrita, e na linha divinatória trazem ilumi-



nação, sabedoria e revelações. Sua magia é ativada não só pela escrita, mas principalmente pelo canto.

Alguns pesquisadores dizem que elas são da época dos vikings. O Martelo de Tek é uma arma divina usada pelo deus da forja Tek. Também serviu a ele na morte, assim como em vida, enquanto estava no submundo.

O martelo é uma arma e uma ferramenta. Tek empunhou esta arma contra o Lich King e morreu, levando Lich King junto com ele, em sua batalha. A arma só pode ser empunhada por um deus, e a única maneira de um mortal empunhá-la ou tirá-la de um ser do submundo é usar a Coroa de Ferro. São necessárias duas mãos para empunhá-lo, porém é a única arma poderosa o suficiente para destruir o Darkspore. O martelo é provavelmente baseado no Mjolnir, a arma usada pelo deus nórdico Thor, confeccionada por ferreiros anões Brokk e Eitri, num desafio do deus Loki. A imagem do Ogro também aparece nos filmes. A simbologia do Ogro pode ter origens que variam muito do folclore de um país para o outro e mesmo de uma obra literária para outra, no mesmo país. Mas

quase sempre é retratado como um gigante ou simplesmente como um homem maior do que o normal, de aparência quase sempre brutal. Geralmente, se alimenta de carne humana. Sua origem é controversa, provavelmente uma alteração do latim Orcus, 'divindade infernal', ou do alemão antigo Ögr, "feio" ou "muito desajeitado". As evidências parecem deixar claro que é um personagem de origem europeia.

Essas criaturas possuem um cérebro reduzido, o que justifica seus atos de insanidade, falta de habilidades manuais e sua capacidade mental às vezes reduzida, além da grande força bruta. Elas usam as cavernas como moradias. No meio de período de tentação "dark mágica" para a personagem principal, um novo "companheiro" se junta ao grupo. Ele é um Elfo Negro de sangue, encontrado no meio na floresta, em um ninho de fadas, com reputação duvidosa, exilado e condenado a vagar pelo mundo por algo que fez do passado, ele é o último que restou de sua raça. Tendo desenhos pintados em seu rosto para se proteger contra o mal, é um grande lutador, com conhecimentos xamânicos.

Elfos são seres do folclore celta e escan-



-dinavos presentes, portanto, nas lendas de países como Grã-Bretanha, Noruega e Suécia. Nessas histórias, eles usam seus poderes mágicos e fazem travessuras, o que está ligado à natureza do povo élfico. Alguns autores os colocam na categoria dos elementais e das fadas. Porém, algo interessante a observar é que a ideia de bem e mal deles pode ser diferente da nossa. Eles têm orelhas pontudas, mas, dependendo da região de origem da lenda, assumem formas que vão de espíritos protetores da natureza a anões pretos, cinzentos ou brancos, variações da sua natureza e tribo. Alguns elfos podem ter filhos com humanos, criando assim seres mestiços. Elfos negros, como o nome já diz, acabam sendo atraídos pela magia negra ou são aliados de quem a usa. Sábios e quase imortais, são bastante habilidosos e traiçoeiros. Possuem uma aparência às vezes exótica: fisicamente, são semelhantes aos elfos da superfície, entretanto, sua pele é negra como ébano, e seus cabelos são brancos ou prateados. Ao contrário dos demais elfos, que mantêm uma relação de respeito e harmonia com as florestas e bosques onde vivem, os elfos negros mantêm uma relação de dominação com tudo ao seu redor. Até mesmo as ca-

-vernas e túneis que formam suas cidades são subjugadas, moldadas e distorcidas para servir à seus desígnios. Tradicionalmente, elfos negros são egoístas e malignos, e toda sua cultura e sociedade é construída ao redor do conceito de poder a qualquer custo.

Xamanismo / shamam é uma das mais antigas religiões da Terra. Ninguém sabe de fato sua origem, pois ela remonta a séculos. Xamãs são curadores, mestres ligados a magia e ensinamentos da natureza, aos seus ciclos, espíritos animais e ancestrais. Confere ao xamã o conhecimento e a capacidade de entrar em transe por meio de elementos da natureza, ou pela dança ou música e, desta forma, se conectam com o mundo espiritual. Essa conexão o capacita a curar doenças, influenciar a natureza, facilitar a caça, adivinhar segredos, predizer o futuro, afastar o mal ou exercer funções de um sacerdote. O xamã também pode realizar viagens entre os mundos. São verdadeiros curadores da alma, viajantes astrais, porém cada vertente do xamanismo tem seu próprio caminho e práticas. Espero que tenham gostado de saber um pouco sobre a obra! O resto, só assistido aos filmes. Então, venham para essa aventura!



OBRA: Série Cidade Invisível

AUTORES: Raphael Dracon e Carolina Munhóz

por: Luciana M. Lima

Se você vive neste planetinha conectado seja pela mídia ou redes sociais já deve ter ouvido falar da série Cidade Invisível, produzida pela Netflix e que teve sua primeira temporada lançada em 5 de fevereiro de 2021 com 7 episódios. Criada por Carlos Saldanha (Era do Gelo e Rio) e escrita por Raphael Dracon e Carolina Munhóz, traz uma narrativa envolvente entre o nosso cotidiano e o folclore brasileiro.

Em meados de Janeiro/2021 a série já repercutia nas mídias e nas rodas de conversa, pois em seu trailer de divulgação ela já deixava aquele sentimento de um conhecimento esquecido no tempo e que vem a tona de forma repentina, trazendo já em seu trailer aquela lembrança da infância quando os nossos avós e bisavós nos contavam sobre as coisas da mata e suas entidades, refazendo em nossas cabeças os personagens de Monteiro Lobato que guardávamos com carinho em nossa memória infantil. Afinal, quem não associa a Cuca à um jacaré de vestido não é!? A

relembrar a nossa cultura que aos poucos nas cidades grandes é esquecida. E quer melhor forma de reaproximar estes personagens para as nossas vidas do que inseri-las em nossa “selva de pedra”?

Este é o caminho escolhido para nos apresentar ou nos reapresentar o folclore do nosso país continental, e ainda mais importante relembrar a luta pela preservação da mata e de nossa cultura.

Para retratar as entidades do folclore em nosso cotidiano, a série se passa no Rio de Janeiro onde acompanhamos a história do detetive Eric (Marco Pigossi) da Delegacia Ambiental, que após a morte suspeita de sua esposa se encontra envolvido em uma investigação de assassinato, em meio à disputa de terra da Vila Toré e acaba descobrindo que este mundo também é habitado por entidades invisíveis a mente, mas não aos olhos. Eric vê sua vida se transformar do dia para noite, do incrédulo a criatura.



Logo somos apresentados à figuras emblemáticas de nossa infância, agora numa versão mais europeia, da época da colonização do Brasil. Onde conhecemos uma versão talvez desconhecida para alguns da origem de nossas personagens. O Brasil é um país de proporções continentais onde cada região adaptou as lendas ao seu território e à sua vivência, mas pode confiar, a versão apresentada aqui vai lhe trazer lembranças da infância ou sendo você jovem um novo universo totalmente enigmático. Durante a série as entidades vão surgindo inseridas em nosso contexto cotidiano.

A Cuca aqui representada por Alessandra Negrini é uma linda mulher, feiticeira, dona de um bar, que se utiliza das borboletas (animais que simbolizam a transformação) para realizar suas magias. Você já ouviu falar que pó de mariposa cega? Sim, isso era dito pelos mais velhos antigamente. A série se utiliza dessa crença popular, utilizando a mariposa para fazer com que as pessoas durmam, enquanto são embaladas pela canção de ninar da Cuca, para que ela vislumbre suas mentes ou altere seu pensamento. Além da bela atuação de Alessandra Negrini, o choque

de uma geração ao não ver a Cuca em forma de jacaré, fez a série repercutir e gerar muitos comentários e memes nas redes sociais.

Para amarrar a série, conhecemos Manaus, homem bonito, enigmático, mas que vive bêbado pela cidade. Ele é o boto cor-de-rosa, aquele que diz a lenda foi criado para explicar a gravidez de moças solteiras. Victor Sparapane empresta seu talento e beleza a este personagem que é crucial para o ponto de virada da nossa história. Pois imagine vocês carregarem um boto no carro e tomar um grande susto ao verificar o veículo durante a noite.

No bar ainda trabalham, Tutu, que à primeira vista é um homem forte e grande, um simples segurança, representado por Jimmy London, mas que é a entidade Tutu Marambá. Irmão do bicho papão e do boi da cara preta onde alguns livros trazem sua origem da África aonde Tutu viria de Quitutu que significa “comer”. Ele seria um devorador de crianças que toma a forma de um porco do mato. E Jéssica Córes, que canta no bar e que por sua vez da vida a bela lenda de Iara ou Mãe D’água, a sereia que arrasta os homens desavisados para o



fundo do rio e é dona de uma voz penetrante e envolvente.

Já o Curupira, que segundo a lenda não gosta de locais densamente povoados, vive isolado e entorpecido, tendo abandonado a luta de proteger a mata talvez frente à desilusão com abandono e vida na cidade já que sua função é proteger a fauna e a flora. Tendo como característica os pés virados para trás para confundir os caçadores nas trilhas e seu cabelo vermelho ou em chamas, se esconde em meio ao lixo. Representado por Fábio Lagos traz uma cena de arrepiar o coração com seus gritos que vão do desespero a um empoderamento de uma forma sublime.

E falando em coração, como não citar o Saci menino travesso de uma perna só nascido do broto de bambu conhecido por suas travessuras e por realizar pedidos, quando tem seu gorro vermelho tomado. Wesley Guimarães da vida esse personagem sapeca de uma forma leve e inocente nos fazendo rir e chorar com seu jeitinho de ser e explicar a situações inusitadas em que se mete. Ele com toda sua peraltice nos leva a segunda grande virada da história.

Mas, se você tinha medo dessas figuras quando pequeno deve estar pensando: se todas essas personagens são tão legais onde está o vilão da história? Pois bem, Corpo Seco é uma entidade que como punição para pecado excepcionalmente grave é expulso da terra e ninguém quer sua alma. Ele anda pela terra aterrorizando as pessoas com seus gritos e maldade. Na série representado por um caçador mal que é preso em seu túmulo pela magia da Cuca e que durante a história tenta destruir as entidades da floresta.

Estas são as entidades apresentadas nesta primeira temporada, entre outras personagens que auxiliam na narrativa e entrelace da cidade invisível com a humana.

Cidade Invisível não é a primeira abordagem em mídia sobre o nosso folclore como já citado as obras de Monteiro Lobato fizeram grande sucesso nas décadas de 80 e 90 através do Sítio do Pica-Pau Amarelo entre outras produções, mas Cidade Invisível nos traz aquele fio de memória tão necessário na atualidade onde muitos habitam a cidade grande e se esqueceram e não contam mais as histórias

ARQUIVOS DE LOKI



narradas pelos mais velhos em sua infância.

A série também fez grande sucesso em outros países em seus primeiros dias de estreia, nos lembrando que a nossa cultura e nosso folclore é tão lindo, rico e interessante, quanto à história de qualquer outro país. Nosso papel é contar e recontar aos mais novos as histórias de nossos avós e não deixar com que os personagens se percam no vazio de cimento. Mistérios foram deixados para a segunda temporada que ainda não está confirmada, mas vale a pergunta: qual entidade, você gostaria de ver se revelar entre nós?

A NONA ÁRVORE

A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

por: Larissa Dias



A Nona Árvore é uma seção criada nesta segunda edição, especialmente para publicações de HQs mitológicas!

Pois bem! Então já que a criamos a partir de uma sugestão do mesmo colaborador que me deu a ideia para a revista, achei que seria divertido contar na primeira HQ a história de como ela surgiu!

Então chamei o Betho Horn para me ajudar a contar essa história... E ele simplesmente deslançou seu talento na HQ que você, querido leitor, verá na próxima página!

Afinal, a seção Nona Árvore foi criada pensando em uma forma de homenagear a Nona Arte, que são... os quadrinhos! E claro, com mitologia!

Além disso, ela também busca homenagear a grande árvore cósmica da mitologia nórdica, Yggdrasil, que interligava nove mundos, assim como as HQs podem nos levar a viagens intensas para mundos distantes e mágicos! Afinal, as árvores também são protagonistas da matéria-prima, que é o papel, depositário fiel da magia que as HQs carregam!

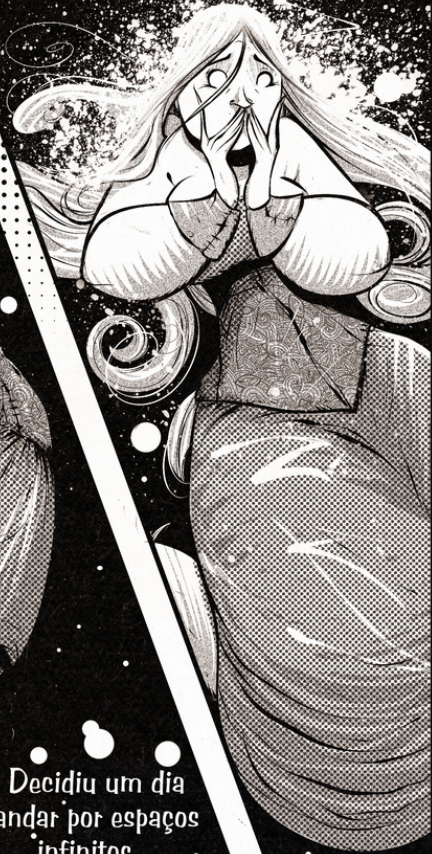


Autodidata, Bertho Horn é escritor, ilustrador, diretor de arte, diretor de fotografia cênica, cenógrafo, fotógrafo, escultor e orientador de teatro.

Tem um canal no Youtube onde faz resenhas de filmes desenhadas, com uma criatividade sem limites!

Além disso, é o criador da personagem Zilda, uma enigmática figura presente em suas obras.

E em cada espaço
que percorria...



Decidiu um dia
andar por espaços
infinitos...



A Nona Arte...

Mais se sentia atraída
pela grande árvore da vida..
A imensa Yggdrasil...



Até que em um
profundo estado
de união...



Ela e a árvore
viraram uma só:

A Nona Árvore!

A Nona
Árvore

Roteiro de
Larissa Dias
Arte de
Bertho Horn

©Bertho Horn/Brasil 2021

ACADEMIA DE QUÍRON

Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!



**cursos,
palestras,
eventos...**

MAR 2021

Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastria, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**

ACADEMIA DE QUÍRON



MAR 2021



Nosso Canal está prestes a nascer!

Os temas serão diversos, como:

Viva Vidas Vivas

vivavidasvivas.com

- ∞ Psicoterapias;
- ⚔ Mitologias, Contos e Afins;
- α Massagens e Práticas Corporais;
- δ Práticas Meditativas;
- π Culinária e Pitadas de Nutris;
- β Idiossincrasias de Madame Rô&Nós;
- ∞ Viagens, Culturas e Eventos;
- Σ Atividades Coparticipativas, através de Cursos, Vivencias e Trocas de Experiencias.

Sejam Bem-Vindos!

<https://heylink.me/vivavidasvivas/>
(11)9.9404-2910



Siga-nos



O MITO EM NÓS

e o reconhecimento da integridade humana

Anima / Animus



O MITO EM NÓS É UM CURSO CONSTITUÍDO DE 07 ENCONTROS VIVENCIADOS (UM AO MÊS, VISANDO O RECONHECIMENTO DO MASCULINO E FEMININO COMPLEMENTANDO-SE EM CADA UM DE NÓS, ATRAVÉS DAS MITOLOGIAS GREGA, INDIANA, EGÍPCIA, INDÍGENA, E CELTA.

SOLANGE S. D'AMATO - PSICOPEDAGOGA /
ARTETERAPEUTA
VILMA C. FIDALGO DEL RY - ESCRITORA / PROF. DE
LITERATURA
NOVA TURMA: MARÇO/2020
INFORMAÇÕES: 99132-9228 - SOLANGE

ACADEMIA DE QUÍRON



ABRIL 2021

Curso teórico-vivencial
pelo Zoom

MITOLOGIA GREGA NA MANDALA ASTROLÓGICA

5ª f das 20 às 21:30hs (12 aulas)
Início: 01/04 - aula gratuita

Programa:

- Os signos e seu mito regente: aspectos simbólicos e recursos em Arteterapia
- Mitos abordados: Ares, Atena, Afrodite, Hermes, Deméter, Ártemis, Apolo, Hades, Zeus, Crono, Urano, Poseidon

Patrícia Pinna Bernardo

Pós-dra em Mitologia Criativa e Arteterapia. Psicóloga.
Arteterapeuta.

Inf. e inscrições: whatsapp 11 99136-4430

**A MAGIA DOS CONTOS
E DAS FADAS**
criança interior e mitologias da
infância

Curso
teórico-vivencial
pelo Zoom

3ª f das 15 às 16:30hs (12 aulas)
Início: 13/04 - aula gratuita

Programa:

- Os contos, as fadas e a Arteterapia: pelo reencantamento do mundo
- Abandono e resgate da criança interior, e o arquétipo da criança divina nos contos de fadas
- Lenda pessoal, história de vida e imaginação criativa
- O tema da criança arquetipal em Bachelard, Jung e Hillman

Patrícia Pinna Bernardo
Pós-dra em Mitologia Criativa e Arteterapia.
Psicóloga. Arteterapeuta.
Inscrições: whatsapp
11 99136-4430

Curso teórico-vivencial *on line* (pelo Zoom)



TARÔ, SINCRONICIDADE E ARTETERAPIA:



simbolismo e aplicações terapêuticas

com Patrícia Pinna Bernardo e Oneide R. Depret

3ª f das 20 às 22hs (12 aulas semanais)

Início: 13/04 - aula aberta gratuita

Informações e inscrições: whatsapp 11 99136-4430



Programa:

- Tarô, sincronicidade e individuação
- Os 22 arcanos maiores: simbolismo, recursos em Arteterapia e aplicações
- Tarô terapêutico e Arteterapia

**Bom
Proveito!**

PANTEÃO DE COLABORADORES



www.larissadiaspsico.com.br

larissa@larissadiaspsico.com.br

LARISSA DIAS

EDITORA E IDEALIZADORA

Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método “Jornada Vocacional”, um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP.



Instagram: [@fabi.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: facaroli@yahoo.com.br

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO

Revisora de textos - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia

PANTEÃO DE COLABORADORES



KAREM DIAS
ESTRATEGISTA DE MARKETING

Formada em Negócios da Moda, como estilista pautou sua carreira no desenvolvimento de produto, se pós graduou em Marketing, fez diversos cursos livres e se autodenomina: concatenadora de sonhos, pois acredita que as ideias inovadoras, são a base de um mundo melhor e uma economia mais justa.

Suas palavras-chave são: Amor, Conexão e Liberdade.

e-mail: karemdias@indigomarketing.com.br // instagram: [@karemdias](https://www.instagram.com/karemdias)



ESTEVAM CERVONE
COLABORADOR DE ARTIGOS

Pesquisador da Cultura Judaica e da Cabala há 17 anos, Estevam desenvolve mapas complexos e muito interessantes que envolvem a numerologia cabalística, que tem por base o significado das letras e seus sons correspondentes, utilizando uma tabela numérica em associação com as letras do alfabeto originado do Hebraico (íídiche, uma mistura de várias línguas, entre elas o hebraico).

E-mail: estevamcervone@gmail.com



GABRIELA SABINA
COLABORADORA DE ARTIGOS

Paulista, atualmente morando em Almada (Portugal). Professora de Inglês formada pela Uniban, e de artes pela FAMOSP. Pós graduada em Arte Terapia pela UNESP e Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP.

Desenvolve oficinas de desenvolvimento através da arte e dos mitos, especialmente voltadas para mulheres de todas as idades. É autora do livro **ORÁCULO DA MULHER DEUSA**, que será brevemente lançado no Brasil.

gabisabi@hotmail.com // [@gabi.sabi](https://www.instagram.com/gabi.sabi) // [Oprazerdereclamar.wordpress.com](https://www.oprazerdereclamar.wordpress.com)
Facebook: <https://www.facebook.com/gabriela.sabina>

PANTEÃO DE COLABORADORES



ROSANGELA APARECIDA CORRÊA
COLABORADORA DE ARTIGOS

Psicoterapeuta - Analista Junguiana e Psicossomática-FACIS/IJEP, Especialista em Clínica Junguiana do Psicodiagnóstico à Intervenção Clínica-SEDES, Especialista em Mitologia e Contos de Fadas, Massoterapeuta, Reikiana, Astróloga, Analista de Sistema e Escritora.

Tendo atuado por 13 anos no mundo corporativo de multinacionais, na Área de Exatas(TI) e desde então, 17 anos atuando na Área de Humanas, cuidando do ser, holisticamente.

psicoterapiajunguiana.com // vivavidasvivas.com // info@vivavidasvivas.com // Linktr:
<https://linktr.ee/rosangelacorrea> // Instagram: @vivavidasvivas // Facebook:
fb.me/vivavidasvivas



FELIPE C. DE OLIVEIRA
COLABORADOR DE ARTIGOS

Felipe Camargo de Oliveira é publicitário (UMESP), especialista em estéticas tecnológicas (PUC-SP) e psicoterapeuta junguiano (FACIS/Ijep), além de escritor, artista e palestrante. Já expôs trabalhos de arte e quadrinhos, escreveu e ilustrou seu livro infantil chamado A Flauta Mágica, foi contador de histórias em hospital e também participou de intercâmbio cultural com povos originários na Argentina. Além de atuar como redator publicitário, é terapeuta e oficinairo de mandalas na Casa do Todos - instituto que trabalha a saúde mental com arte e convivência. Cria mandalas por hobby com técnicas variadas. É pai da gatinha Peteca e revisor dos trabalhos de sua companheira.

e:mail: para.felipeoliveira@gmail.com // (11) 9.8851-5865 LinkedIn: /felipecamargooliveira

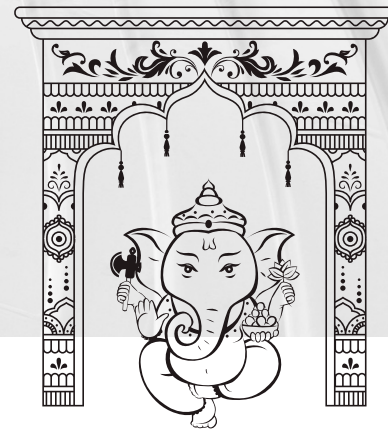


TATIT BRANDÃO
REVISORA LITERÁRIA DE ARTIGO

Tatit Brandão é formada em comunicação social com habilitação em jornalismo, licenciatura em artes visuais e cursou a pós graduação em arte na educação da ECA-USP. Ministra várias oficinas e cursos na área de fotografia, trabalhos manuais e de jardinagem, narrativas audiovisuais e escrita criativa. Desenvolve um trabalho performático de dança e memórias no projeto Cítrica_s. Durante a pandemia se mantém em isolamento social, cuidando de suas plantas e gatos, e trabalhando em casa como revisora de texto, criadora de conteúdos de vídeo e texto.

e-mail: tatitbrandao@gmail.com // 11949410716 // @tateaser // @citrica_s

PANTEÃO DE COLABORADORES



ANGELA RIBEIRO
COLABORADORA DE ARTIGOS

Angela é Psicóloga há 17 anos, sempre dedicada na atuação com a compreensão da alma humana. Terapeuta Comunitária, iniciou a carreira atuando com grupos sociais, desenvolvendo rodas de terapia e arteterapia. Desde que entrou na área comunitária, desenvolveu trabalhos práticos onde coordenava grupos focais e comunitários, e atividade que lhe possibilitou desenvolver larga experiência na condução de grupos e mediação de conflitos. Concomitantemente, atuava na área clínica. Desenvolvedora do projeto Comunidade Viva, ganhador do prêmio InovaSuas em 2018, atuava com encontros que adentravam a comunidade favorecendo a busca ativa. Especialista em psicologia analítica pelo Instituto de Psicologia Junguiana / Facis, hoje dedica seus esforços para a área clínica a análise da psique humana, a sua grande paixão!

e-mail: contato@psicologiasophy.com.br // 11 99977-6003



LUÍZ JÚNIOR
COLABORADOR LITERÁRIO

Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduado em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia online. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemisterios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL

A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> //(48) 99815-6284



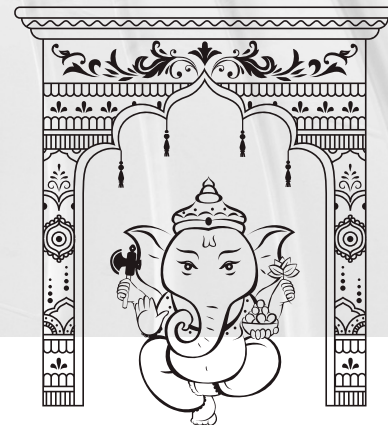
ZÂNDHIO HUKI - ARANDU ARAKUAA

COLABORADOR MUSICAL

Zândhio Huku, é fundador da banda Arandu Arakuaa, onde atua como vocalista, guitarrista, além de tocar os tradicionais instrumentos indígenas. A banda mescla heavy metal com música indígena e regional brasileira com letras em tupi antigo, xerente e xavante. Além disto, Zândhio já lecionou história no passado e atualmente atua também como pedagogo nas séries iniciais do ensino fundamental, comprovando assim seu compromisso com a cultura dos povos originários seja em seu trabalho musical como em seu trabalho educacional.

E-mail: arandurakuaa@gmail.com // Youtube: <http://youtube.com/aranduarakuaa>

PANTEÃO DE COLABORADORES



RAISSA QUEIROZ BASTOS

COLABORADORA DE OBRA CINEMATOGRAFICA



Raissa Queiroz Bastos tem 30 anos. É formada em design de moda, mas atualmente atua na área holística, onde futuramente iniciará os trabalhos com mapa oghâmico celta e oráculos como tarôs e ogam. Ama as artes em geral, assim como ama a natureza e a cura por meio dela, além de ser apaixonada por simbologia. Adora conhecer culturas, costumes, gastronomia, pois se autodenomina uma pessoa de "mente aberta". Se considera uma bruxa em eterno processo de aprendizado,, tanto na magia como na espiritualidade.

e:mail: raissaqb2@gmail.com // Instagram: @filhaddana

LUCIANA MANDI DE LIMA

COLABORADORA DE OBRA CINEMATOGRAFICA



Nascida em Guarulhos, criada na Zona Leste de São Paulo. Filha de mãe caipira e pai nordestino. Teve sua infância repleta de Folclore, contos e lendas urbanas. Frequentadora do Santo Daime. Formada em Matemática pela Unicastelo, Artes Visuais e Sociologia pela Unimes. Especialista em Educação Matemática pela Uninove. Tecnologia Logística pela Fatec ZL. Leciona na Rede Estadual de Ensino.

e-mail: mandulogistica@gmail.com

BERTHO HORN

COLABORADOR ARTIÍSTICO



Autodidata, Bertho é escritor, ilustrador, diretor de arte, diretor de fotografia cênica, cenógrafo, fotógrafo, escultor e orientador de teatro.

Há mais de 30 anos atua em histórias em quadrinhos nacionais e internacionais, teatro, ilustração tradicional digital, conceitual, editorial, cinematográfica e games , além de editoração eletrônica, diagramação e outros trabalhos.

Instagram: @BerthoHorn

PANTEÃO DE COLABORADORES



A biografia do Gazy Andraus consta na Seção "Ilustres Ilustradores"!

E-mails: yzagandraus@gmail.com; gazyandraus@ufg.br;
Instagram: [@gazyandraus](https://www.instagram.com/gazyandraus) // Twitter: GazyAndraus (@AndrausGazy)

Facebook: <https://www.facebook.com/gazy.andraus>

Sites e blogs:

<http://tesegazy.blogspot.com/> <https://yzagandraus.wixsite.com/gazy/home>

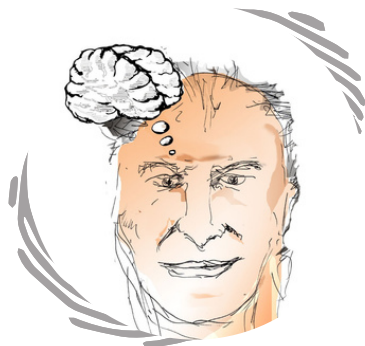
<http://classichqs.blogspot.com/>

<http://conscienciasocietades.blogspot.com/>

Fanzines: https://issuu.com/gazyandraus/docs/3d_imagens-zine-separadas-1-pp;
https://issuu.com/gazyandraus/docs/projeto-3d-imagens-volii-ppoint_sequencia

Canal GaZine : no youtube no meu canal "Gazy Andraus":

<http://tesegazy.blogspot.com/p/gazine.html>



AGRADECIMENTOS

Vamos iniciar os agradecimentos desta edição contando uma bela história...

Durante o mês de fevereiro estivemos preparando com muito carinho a NOSSA revista. Em cada novo contato que eu fazia, uma chama de luz se acendia em meu coração. Quanta paixão fui encontrando em cada novo colaborador, e me surpreendendo com as novas histórias que surgiam!

Além dos novos colaboradores, tivemos a alegria de receber retornos emocionados, felizes e entusiasmados dos colaboradores do número anterior. A magia dos mitos estava ali, transformando nossas almas e nossas vidas!

O retorno dos leitores também foi impressionante. O alcance da revista nos surpreendeu positivamente, gerando um efeito proporcional de alegria. Além disso, agradeço a todos os queridos amigos que compartilharam nossa publicação, recomendando-a e fazendo com que ela alcançasse novos leitores.

Gostaria de agradecer ao Guilherme, que nos enviou sua linda Hécate para fazer brilhar nossos olhos, bem como à Mirella Faur, que trouxe o conteúdo simbólico da representação da deusa.

Agradeço ao Estevam, por nos contar sobre a cultura judaica e a cabala, à Gabriela, por nos trazer mais sobre as deusas da criação, e ao Gazy Andraus, por nos brindar com lindas imagens da sua HQ "A Mãe", que ilustraram esse artigo; Agradeço à Rosangela, por nos trazer as representações de Prometeu, e também à Angela e ao Felipe, que se deixaram levar pelo inconsciente coletivo e nos brindaram com duas visões do mito de Sísifo. Os dois estavam separados pela distância, um não sabia sobre o artigo do outro, mas se uniram no mesmo propósito: mostrar como rolar essa pedra da nossa existência!

Agradeço ao Zândhio, da Arandu Arakuaa, que generosamente contribuiu com a resenha musical, bem como ao Luis, da HellYeah, por ser essa pessoa apaixonada pelo que faz e nos brindar com mais uma maravilhosa resenha, desta vez sobre a Vocifer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Luiz Júnior, pela sua incrível colaboração nos trazendo as histórias encantadoras de sempre.

Agradeço à Raissa, por transmitir em sua resenha o encantamento pelo filme "Mythica" e nos contar mais sobre os símbolos míticos e à Luciana Lima pela brilhante resenha da série "Cidade Invisível".

Agradeço ao querido amigo Dante D. A. L. Salgado, que me acompanhou na jornada da criação da nova seção "A Nona Árvore", e no momento que eu não conseguia achar o nome, me trouxe a luz, ao sugerir a menção à Árvore Cósmica, Yggdrasil. Também agradeço ao Gazy Andraus, por me auxiliar na análise e divulgação do convite para os quadrinistas. E claro, agradeço ao criativo e ousado Bertho Horn, que, sem hesitar, aceitou a proposta de criar comigo a história do nascimento da Nona Árvore, nossa nova seção de HQs!

Agradeço à Fábيا Lucas, que revisou todos os textos da revista, empolgando-se com cada um deles, e à Karem Dias, por transformar essa revista na beleza que ela é, além de atuar na divulgação nas mídias sociais, com um trabalho ímpar e empolgado!

Por fim, quero agradecer a você, leitor, e digo que todas as dúvidas, sugestões e críticas construtivas serão sempre bem-vindas!

Um forte abraço!

Larissa Dias



Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial
Larissa Dias

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico: Larissa Dias e Karem Dias

Ilustração da Capa: "Hécate", Guilherme Silveira

Estrategista de Marketing: Karem Dias

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2021, Fevereiro, World Wild Web

Colaboram Nesta Edição:

Estevam Cervone, Gabriela Sabina, Rosângela Corrêa, Felipe Oliveira, Angela Ribeiro, Tatit Brandão, Raissa Queiroz, Luciana Lima, Gazy Andraus, Zândhio Huku e Bertho Horn.

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados à seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta